

Revista Mensal - Ano 71 - nº 754 - €1,70

R e v i s t a  
ADVENTISTA

MARÇO - 2010



O FORTE  
GALILEU

*Honrando o Homem que dividiu a História*

# Tu me conheces, Senhor!

Por Tuas mãos fui criada,  
Para um dia Te conhecer.  
Rogo-Te e estou preparada  
Para nunca Te perder!

Quando em meu ser despercebido,  
O Teu nome ninguém falava,  
Eras um Deus desconhecido  
Que em meu íntimo procurava!

Cresci na pura ignorância  
Da Tua existência, meu Deus.  
Tenho a certeza de que, na infância,  
Tu guiaste os passos meus!

Ao crescer com alegria,  
E com alguma opinião,  
As costas Te virei um dia  
Com toda a ingratidão!

Passaram os anos amigos,  
Os maus momentos chegavam;  
Mas sempre estiveste comigo,  
Na hora em que Te chamava!

Os anos foram passando,  
De Ti não queria saber.  
Nesta vida vagueando,  
Desejando a Ti conhecer!

Foste um Deus carinhoso,  
E muito me amaste.  
Num período doloroso,  
Nunca me desamparaste!

Mas quando Te conheci,  
Compreendi com ardor.  
Foi então que percebi  
O valor do teu Amor!

Esse amor grandioso  
Que me quiseste oferecer.  
O eu foi tão orgulhoso  
Para o poder receber!

Tu és um Pai amoroso!  
Esta é a realidade.  
Tu és o meu maior gozo  
Nesta hora da verdade!

Tu és um Deus sem igual,  
Um encontro só de ida.  
Para mim tu és real,  
O CAMINHO, A VERDADE E A VIDA!

*Fernanda Modesto*  
Igreja de Almada

**DIAS E OFERTAS ESPECIAIS:****MARÇO**

- Semana de Oração de Jovens ----- 6-13
- Dia da Juventude Adventista Mundial/Oferta SVA/Oferta da Divisão ----- 13
- Dia Internacional de Oração da Mulher ----- 20
- Primeiras Jornadas Sociais da ASA ----- 21
- Semana de Formação J.A. para Pastores ----- 21-26
- Escola de Formação J.A., R.E. Centro ----- 26-28

**ABRIL**

- Acampamentos Regionais ----- 1-4
- Programa de lançamento do Livro Missionário, fase 2 ----- 10
- Distribuição Nacional do Livro Missionário ----- 10-18
- Reunião regional de Colportores – Regiões Eclesiásticas Norte e Centro --- 11
- Encontro da Amizade ----- 16-18
- Dia da Educação ----- 17
- Reunião Regional de Colportores – Regiões Eclesiásticas Lisboa/Vale do Tejo e Alentejo/Algarve ----- 18
- Sábado Médico-Missionário ----- 24
- Dia das Publicações ----- 24
- Campanha da ADRA ----- 24-30

**COMUNIDADE DE ORAÇÃO**

Este mês de Março vamos orar pelos seguintes campos e instituições da nossa Divisão:

- 1 a 5 – Clínica La Lignière (EUD)
- 8 a 12 – Associação da Baixa Saxónia (NGU)
- 15 a 19 – Seminário Teológico Sazava (CSU)
- 22 a 26 – União Espanhola (SpU)
- 29 a 2 de Abril – Associação da Renânia Central (SGU)

**COMUNICAÇÃO****“TEMPO DE ESPERANÇA”**

No programa “Fé dos Homens”, na RTP2, com transmissão diária de Segunda a Sexta-feira, a partir das 18:00h e na Antena 1 a partir das 22h47, a Igreja Adventista terá um espaço nas seguintes datas:

- Quarta-feira, 03 de Março
- Segunda-feira, 15 de Março
- Segunda-feira, 05 de Abril

Programa CAMINHOS

- Na RTP2, às 09h00 e na Antena 1 a partir das 06h00
- Domingo, 04 de Abril

*Participe na maior distribuição nacional de sempre de um livro missionário!*

**10 DE ABRIL**

*Contacte o coordenador local do Projecto do Livro Missionário 2010 da sua igreja*

# Revista ADVENTISTA

**ÍNDICE**

- 2 Poesia**  
*Tu me conheces, Senhor!*
- 3 Memo/Anúncio**
- 4 Página do Leitor**  
*Sublime Amor*
- 5 Editorial**  
*O Mais Importante...*
- 6 Artigo de Fundo**  
*O Forte Galileu*
- 9 Ciência e Religião XIV**  
*A Verdade Sobre o Cristianismo II - O Cristianismo é o Principal Fundamento da Civilização Ocidental*
- 14 Bíblia**  
*O Baptismo*
- 16 Igreja**  
*Influências Pós-Modernistas*
- 20 Teologia**  
*O Legalismo e a “Justificação pela Fé”*
- 25 Vida Cristã**  
*Lições de Vida da Minha Neta*
- 28 A Igreja em Acção**
- 30 Espírito de Profecia**  
*Atenção Focada nas Coisas Espirituais*
- 32 Devocional**  
*A Bíblia Não é Difícil de Compreender*
- 34 Testemunho**  
*Uma Simples Oração*
- 35 Reflexão**  
*Os Bens Exteriores*



IGREJA  
ADVENTISTA  
DO SÉTIMO DIA

LARA VARANDAS

# Revista ADVENTISTA

*“Eis que cedo venho”*

A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-lo melhor e manter a esperança da Sua breve volta.

**A Revista Adventista, Órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, é publicada mensalmente pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1940 e editada pela Publicadora SerVir, S.A.**

**Director:** José Eduardo Teixeira

**Coordenador Editorial:** Manuel Ferro

**Chefe de Redacção:** Paulo Sérgio Macedo

**Colaboradores de Redacção:** Ernesto Ferreira e Lara Varandas

**Programação Visual e Diagramação:**

Sara Sayal e Marisa Ferreira

São bem-vindos todos os manuscritos, mesmo os não solicitados, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o número de telefone e fax, se for o caso. Se forem enviadas fotos, elas só serão devolvidas em caso de pedido expresso, senão ficam a fazer parte do arquivo da Publicadora SerVir.

**E-mail:** revista.adventista@pservir.pt

**Proprietária e Editora:**

Publicadora SerVir, S.A.

R. da Serra, 1 – Sabugo

2715-398 Almargem do Bispo

Tel. 219 626 200 – Fax 219 626 201

**Director Comercial:** Enoque Pinto

**Controlo de Assinantes:**

(Assinaturas, Facturação e Alteração de Moradas)

Responsável: Paula Raimundo

R. da Serra, 1 – Sabugo

2715-398 Almargem do Bispo

Tel. 219 626 200 - Fax 219 626 202

**Expedição e Armazém:**

R. da Serra, 1 – Sabugo

2715-398 Almargem do Bispo

Tel. 219 626 200 - Fax 219 626 202

**Impressão e Acabamento:**

Tipografia Rolo & Filhos II

Tiragem: 1800 exemplares

Depósito Legal N° 1834/83

**Preço:** Número Avulso: €1,70

Assinatura Anual: €17,00

ISENTO DE INSCRIÇÃO NO E.R.C. –

DR 8/99 artº 12º N° 1a

ISSN 1646-1886

**Ano 71 – N° 754 / MARÇO 2010**



IGREJA  
ADVENTISTA  
DO SÉTIMO DIA

# As Vozes da Igreja

## Sublime Amor

Sublime amor

Que sucumbe à dor...

O querido Jesus

Por ti, por mim, Se entregou, assim,

À morte na cruz!

Essa dor que sofreu,

Esse sangue que verteu,

Ainda está a proclamar:

“Eu compreí-te, ó pecador,

Sei que não Me tens amor,

Mas Eu quero te salvar!”

Através do Evangelho,

Sempre tão vivo e, ainda assim, já velho,

A Sua voz se faz ouvir.

São palavras cheias de amor...

“Volta para Mim, pecador,

Eu quero te redimir!”

O dia então virá

Em que a Sua voz se calará e

O tempo da graça cessará.

Medita, ó Pecador.

Não desprezes tu o amor

Que a salvação te concederá!

*Georgina Garcia*

Igreja de Lisboa Central

*Lara Varandas*

*Redactora da Publicadora SerVir*

### Enviar para:

Revista Adventista

(A/C Lara Varandas)

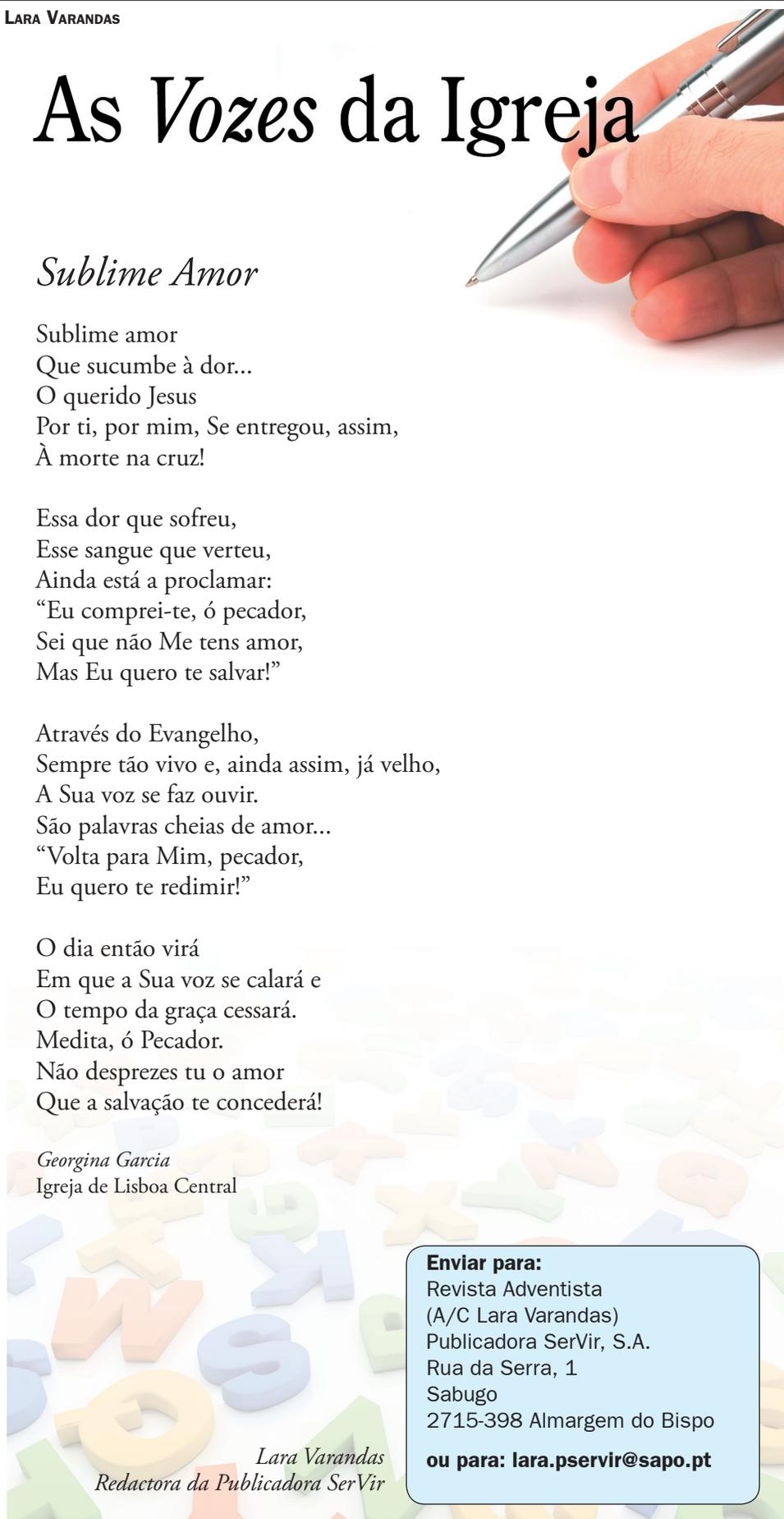
Publicadora SerVir, S.A.

Rua da Serra, 1

Sabugo

2715-398 Almargem do Bispo

ou para: [lara.pservir@sapo.pt](mailto:lara.pservir@sapo.pt)



# Os Grandes Desafios

**O** mês de Março é um mês fundamental no Plano de Acção para 2010. Das actividades propostas dependerá o sucesso das campanhas de evangelização locais, projectadas para o mês de Maio, e da campanha nacional a realizar em Novembro.

A primeira actividade é a semana de oração dos jovens. Damos graças ao Senhor por termos um empenho crescente dos nossos jovens nas diferentes esferas da Igreja. Quando olhamos para a história do povo de Deus ao longo da sua caminhada, vemos claramente como Deus usou, de uma forma espantosa, jovens que se consagraram ao serviço do Mestre. O meu apelo é que toda a Igreja se envolva nesta semana de oração a fim de apoiar a consolidação espiritual da nossa juventude.

Como Adventistas do Sétimo Dia, todos ansiamos o dia da bem-aventurada esperança, o regresso do nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo. Como crentes na promessa de João 14:1-3, sentimos tristeza por esta separação se estar a prolongar demasiadamente no tempo. Mas, para que essa promessa se transforme em realidade, é absolutamente necessário um maior envolvimento individual e familiar no cumprimento da missão que Cristo confiou à Sua Igreja. Os jovens são uma parte importante das nossas famílias e devemos ser ousados em os implicar nesta grande obra.

É também neste âmbito que gostaria de vos falar, mais em detalhe, de dois dos sonhos que foram apresentados à Igreja Nacional, na mensagem do passado dia 30 de Janeiro e que está reproduzida no editorial da RA de Fevereiro: o sonho de alistarmos “3000 Intercessores” e o sonho de accionarmos “1000 Lares de Esperança”, à semelhança do que está a ser feito pela Igreja a nível mundial.

O que se pretende com o projecto “Lares de Esperança”, é que as famílias adventistas se disponibilizem para fazer das suas casas, altares de oração e estudo da Palavra de Deus. Quando Abraão e Jacob foram chamados pelo Senhor, construíam altares por onde quer que passassem, para

invocar e louvar a Deus. Hoje em dia, pela multiplicidade de preocupações e afazeres, nem todas as pessoas têm apetência e disposição para tirar algumas horas das suas apertadas agendas a fim de se deslocarem às nossas igrejas. No entanto, podem estar desejosas de encontrar altares dispersos onde possam ter um encontro com o “Deus desconhecido”. **Esses altares podem ser as nossas casas.** Deus deposita grande confiança nas famílias adventistas e, por isso, convida-as a envolverem-se neste projecto, fazendo dos seus lares verdadeiros lugares de refúgio, onde posamos, nós próprios, beneficiar da Sua presença contínua, mas também partilhar a bênção com amigos, vizinhos e familiares.

Permitam-me voltar a partilhar esta visão de Ellen White: “Em visões da noite passaram perante mim representações de um grande movimento reformatório entre o povo de Deus. Muitos estavam louvando a Deus. Os enfermos eram curados, e outros milagres eram operados. **Viu-se um espírito de “intercessão”** tal como se manifestou antes do grande dia de Pentecostes. **Viam-se centenas e milhares visitando famílias e abrindo perante elas a Palavra de Deus.** Os corações eram convencidos pelo poder do Espírito Santo, e manifestava-se um espírito de genuína conversão. **Portas se abriam por toda a parte para a proclamação da verdade.** O mundo parecia iluminado pela influência celestial. **Grandes bênçãos eram recebidas pelo fiel e humilde povo de Deus.** Ouvi vozes de acções de graças e louvor, e parecia haver uma reforma como a que testemunhámos em 1844.” – *Test. Sel.*, vol. 3, p. 345

A minha e a sua casa podem fazer parte desta visão. Esteja atento ao que o seu pastor, ancião e director dos ministérios da família irão apresentar na sua igreja. Apresentaremos aqui, sucintamente os passos a dar:

1. **Decidir**, no seio da família, se queremos fazer do nosso lar um **lar de esperança** para muitas pessoas que hoje vivem com profundas incertezas, geradoras de grande ansiedade.

2. **Interceder**, isto é, “lutar com Deus” pelas pessoas que, há algumas semanas atrás, incluímos na nossa lista de orações. Se não a fizemos na altura, é o momento de colocar numa folha de papel, o nome de todas as pessoas que gostaríamos de ver, um dia, desfrutando da vida eterna na companhia do Salvador.

3. De todas essas pessoas, **escolher uma família ou, uma ou mais pessoas relacionadas entre si**, e interceder mais especificamente por elas, suplicando fervorosamente ao Senhor que o Espírito Santo prepare o seu coração para o que virá a seguir.

4. **Convidá-las** a vir a nossa casa na tarde do dia 20 de Março. Sugerimos que preparem um pequeno lanche de convívio para, de seguida, apresentar uma mensagem especial preparada para esse fim pelos ministérios da área da família.

a. Essa mensagem irá ser facultada em DVD a todos aqueles que decidirem fazer da sua casa um **lar de esperança**.

b. Depois, e apenas a essas pessoas, entregar um livro – do projecto do livro missionário – “O Caminho para a Esperança”. Estes livros irão ser facultados, numa primeira fase, apenas a estas famílias que quiserem abrir as portas da sua casa a este projecto.

5. Ser ousado, em nome do Senhor, e convidar os nossos “hóspedes” ao estudo da Palavra de Deus de uma forma sistemática. Para esse efeito, a ASI – Associação dos Empresários Adventistas – e a União irão proporcionar uma formação especial a todas as famílias que o desejarem, no dia 6 de Março, pelas 15:30h, nas Regiões Norte (CAOD) e Centro (Igreja de Coimbra), e no dia 13 de Março nas Regiões de Lisboa (Igreja Central), Alentejo (Igreja de Beja) e Algarve (Igreja de Lagoa).

Prezadas famílias adventistas, o convite é do Senhor. É Ele que nos vai capacitar. Sejamos ousados em receber as bênçãos que o Senhor tem reservado para nós. Que o Senhor nos abençoe!

*José Eduardo Teixeira*  
Presidente da UPASD

# O FORTE GALILEU

William G. Johnsson

**N**a sua juventude, o poeta Swinburne dizia, com amargura: “Tu conquistaste, ó pálido Galileu; o mundo tornou-se cinzento, por causa do Teu alento.”

Mas Swinburne estava completamente errado em todos os aspectos, menos um – Jesus *era* galileu.

Jesus era judeu, não branco. Não era um ser fraco, nem tinha uma cara pálida e de aspecto monástico. Os Seus músculos eram salientes, devido ao trabalho físico; o Seu rosto era bronzeado, devido ao Seu ministério ao ar livre, junto ao lago, nos campos, a palmilhar os caminhos poeirentos da Palestina. Andava bem direito, de cabeça levantada. Os Seus olhos eram perspicazes, a Sua voz forte.

Não era um desmancha prazeres, este Homem. As pessoas gostavam de O ter por perto, desfrutavam da Sua companhia. No início do Seu ministério, encontram-O num casamento; Ele evita que a festa se torne um fiasco, quando a bebida acaba. Quando visita Jerusalém, os grandes e poderosos convidam-n’O a ir a sua casa. Aprecia uma boa refeição. Quando os Seus inimigos procuram algo negativo para dizer a Seu respeito, acusam-n’O de ser glutão e leviano – tudo falso, é claro, mas é uma perspectiva do tipo de pessoa que Ele era.

Mas sim, Ele era galileu. Tinha vivido e crescido em Nazaré, fez de Cafarnaum a base do Seu ministério público. De vez em quando visitava o Sul, mas preferia as colinas verdejantes e o belo lago da região Norte. Para os líderes religiosos de Jerusalém, Jesus era um provinciano. Para eles, a Galileia era um lugar atrasado, onde as pessoas falavam com sotaque e onde Deus estava muito longe.

Este galileu, este forte galileu, mudou o mundo. Ele deu à humanidade a liberdade de ser realmente humana. Desde o tempo em que viveu até hoje, quando as pessoas Lhe abrem o coração para O receber, dá-lhes vida em toda a sua plenitude. Ele pinta o seu quadro com tons brilhantes – em azuis e amarelos e verdes e vermelhos – mas nunca em cinzento.

Swinburne, como muitos detractores actuais do cristianismo, estava a rebelar-se contra a religião em nome de Jesus, e não contra o próprio Jesus, penso eu. É verdade: Jesus não tem sido bem representado por aqueles que professam o Seu nome, nem o é hoje. É por isso que, nestes tempos que correm, precisamos de voltar aos evangelhos e meditar na história do Seu nascimento, da Sua vida, do Seu ministério e da Sua morte – e no que se seguiu.

Nesta história, encontramos-nos cara a cara com o mistério. “E, sem dúvida alguma, grande é o mistério da piedade: Aquele que Se manifestou em carne, foi justificado em espírito, visto dos anjos, pregado aos gentios, crido no mundo, e recebido acima na glória” (1 Tim. 3:16).

Mas não é um mistério sobre o qual nada possamos saber. Podemos saber que Ele era realmente Deus e que Se tornou realmente homem; como é que aconteceu não sabemos.



***Honrando  
o Homem  
que dividiu  
a História***



## Em cores brilhantes

E podemos saber que a Sua vinda transformou o mundo. Leiam de novo a história de Belém: é um evento cheio de luz e som.

Luz, muita luz: uma estrela que brilha sobre Belém. Um céu noturno iluminado por uma hoste de anjos.

Som, muito som, som de cânticos, som de louvor: Maria canta quando recebe a notícia de que vai ter o Filho que mudará o mundo (Lucas 1:46-55).

Zacarias canta no nascimento de João, o precursor da Criança do Destino (Lucas 1:67-79).

O enorme coro de anjos canta: “Glória a Deus nas alturas, paz na Terra, boa vontade para com os homens” (Lucas 2:14).

O idoso Simeão começa a orar ao encontrar a Criança de oito dias de idade (Lucas 2:29-31).

Luz e som: essas seriam as marcas distintivas da vida e ministério do forte galileu. Como o profeta Isaías tinha anunciado: “A terra de Zabulon e a terra de Naftali, junto ao caminho do mar, além do Jordão, a Galileia das nações; O povo que estava assentado em trevas viu uma grande luz; e aos que estavam assentados na região e sombra da morte, a luz raiou” (Mat. 4:15, 16).

Onde quer que Jesus fosse, Ele não só pregava as boas novas – Ele *era* as boas novas. As pessoas vinham a Ele destroçadas, desesperadas, derrotadas, perdidas; iam-se embora com esperança e alegria, louvando a Deus pelo que Ele tinha feito por elas (Lucas 19:37, 38).

Depois de Ele ter deixado esta Terra, a luz espalhou-se mais, o cântico continuou. O Mestre, embora já não estivesse presente fisicamente, enviou o bendito *Paraclete*, o Espírito Santo, a fim de estar com os Seus seguidores. A Sua história continuou, à medida que eles espalhavam as boas novas por toda a parte, até aos confins do império romano. E onde quer que a história chegava, o resultado era o mesmo: “E havia grande alegria naquela cidade” (Actos 8:8).

Os escritos do Novo Testamento vibram com uma alegria efervescente, irreprimível: “Alegrai-vos no Senhor! Outra vez vos digo: Alegrai-vos!” (Fil. 4:4).

“Ao qual, não o havendo visto amais; no qual, não o vendo agora, mas crendo, vos alegrais, com gozo inefável e glorioso” (1 Pe. 1:8).

E a história continuou depois do tempo dos apóstolos. As boas novas continuaram a espalhar-se, cada vez mais longe, e onde quer que chegassem davam às pessoas motivo para cantar. Os documentos relativos ao cristianismo do segundo século são poucos e estão dispersos, mas entre eles encontramos uma preciosidade – uma carta escrita por Plínio, o Jovem, governador da província romana da Bitínia (na Turquia de hoje), por volta do ano 112.

Plínio escreveu ao seu senhor, o imperador Trajano, acerca de uma estranha seita de que tinha tido conhecimento. Estas pessoas, chamadas cristãos, não eram culpadas de cometer crimes, mas tinham algumas práticas pouco comuns. Entre elas estava o costume de se reunirem de manhã muito cedo – para fazer o quê? Cantar hinos de louvor a Jesus Cristo como Deus!

## A civilização mudou

A história de Jesus continua nos nossos dias e ainda põe rapazes e meninas e homens e mulheres a cantar. Apesar do escárnio dos descrentes e dos seus sábios discursos, a história não vai morrer, não pode morrer, porque onde quer que ela chegue e as pessoas lhe abrirem o coração para a receber, ela produzirá o que produziu no princípio – esperança, nova vida, paz, perdão, cura

## *Os escritos do Novo Testamento vibram com uma alegria efervescente, irreprimível.*

e alegria. O cântico dos crentes, sejam eles iletrados ou não, é para eles o argumento irrefutável da existência do Deus que Se revelou em Jesus Cristo. É um cântico simples, um cântico pessoal, mas, apesar de tudo, um cântico profundo. Pense no que ele significa:

### *Primeiro, não estamos sós.*

O homem moderno debate-se sob o esmagador fardo de se sentir sozinho no Universo. Olha para as estrelas; são lindas, mas frias. Aponta os seus Hubbles para os céus e encontra uma imensidão, uma vastidão que estarrece a sua mente. Nesse vazio, haverá alguém? Constrói os seus engenhos para escutar e liga-os, na busca, na esperança de que uma voz venha lá do Grande Além.

Mas o nascimento de Jesus, o Deus-homem, mostra-nos que há Alguém lá fora. Não estamos sozinhos. Há um Deus e Ele veio até nós.

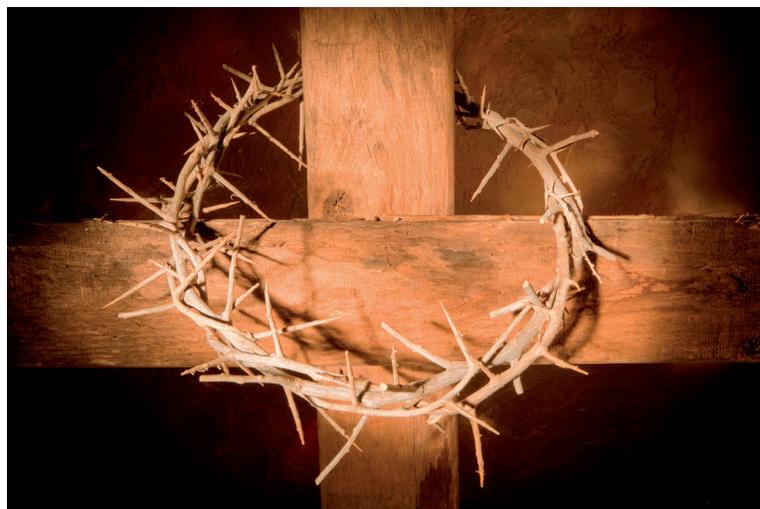
### *Segundo, Deus ama-nos e preocupa-Se conosco.*

Sabemos isso devido ao que Jesus nos ensinou acerca de Deus e, especialmente, ao que Ele demonstrou na Sua vida. O tema favorito de Jesus era o amor paternal de Deus. “Quando orares”, ensinou-nos Ele, “diz: Pai nosso, que estás no Céu” (Mat. 6:9). “Não andeis cuidadosos, quanto à vossa vida, pelo que haveis de comer, ou pelo que haveis de beber; nem quanto ao vosso corpo, pelo que haveis de vestir, ... decerto vosso Pai celestial bem sabe que necessitais de todas estas coisas” (versos 25, 32). Ele alimenta as aves dos céus e veste as colinas com flores silvestres; quanto mais cuidado não terá convosco?

Estas ideias são incríveis, mas sabemos que são verdadeiras porque foi assim que Jesus viveu. Ele andava por toda a parte fazendo o bem, sempre cuidadoso, sempre compassivo, trazendo sempre um cântico. E Ele disse: “Quem Me viu a Mim, viu o Pai” (João 14:9).

### *Terceiro, isto significa que somos especiais para Deus.*

Mais de 6 milhares de milhões de pessoas andam neste planeta; como é que Deus pode ter a noção da existência de cada uma delas, quanto mais interessar-se por elas? Mas, disse Jesus, isso é precisamente o que Deus pode fazer e faz. Ele



vê até mesmo o pardal que cai na terra; Ele conta os cabelos da nossa cabeça. Nada é demasiado grande ou demasiado pequeno para a Sua atenção. Todos – *cada um de nós* – contam para Ele.

Meu amigo, acredite. Você é amado. Você é especial. Acredite por causa do Homem que veio do Grande Além.

### *Quarto, temos dignidade.*

Nós fizemos asneira, mas Deus gosta de perdoar. Ele é o Deus dos novos começos, das segundas oportunidades, e das terceiras, e das sétimas, e...

Deus veio até nós num corpo humano. O nosso corpo não é inerentemente mau. Deus fez-nos à Sua imagem; Ele criou o corpo. Somos Seus filhos e filhas; não somos vermes. Fomos criados para um destino glorioso e, apesar dos nossos fracassos e degradação, Deus veio em carne humana para nos dar a possibilidade de cumprirmos o nosso destino.

### *Finalmente, temos um futuro iluminado pela esperança.*

A partida de Jesus deste mundo correspondeu à Sua chegada: foi envolto pelo divino. Nenhum agente humano produziu o Seu nascimento, e nenhum agente O ressuscitou dos mortos. Jesus foi ressuscitado, não reanimado.

Mas o Homem Jesus morreu realmente. Ele bebeu a amarga taça; Ele passou pelas águas gélidas da inexistência. E com a Sua morte quebrou as cadeias da morte e derrotou aquele que tem o poder da morte, ou seja, o diabo. Assim, já não passamos os nossos dias como escravos do medo da morte. Jesus esteve lá, e venceu. Ele promete-nos: “Porque Eu vivo, vós vivereis” (João 14:19).

Haverá melhor motivo para vivermos com esperança, com um cântico no nosso coração? ■

*William G. Johnson*

Antigo director da Adventist Review  
Assistente do Presidente da CG para as  
relações interconfessionais

# A Verdade Sobre o Cristianismo II - O Cristianismo é o Principal Fundamento da Civilização Ocidental

MIGUEL MATEUS



Nesta série de artigos, pretendemos demonstrar porque acreditamos que a “religião criada por Jesus é moderna, fascinante e inquestionável”.<sup>1</sup>

Desenvolveremos sete temas – um em cada artigo.

## **1 – O Cristianismo é o principal fundamento da civilização ocidental (tema deste artigo).**

2 – As descobertas mais recentes da Ciência sustentam a existência de um Ser Divino que criou o Universo.

3 – A Teoria da Evolução de Darwin não destrói as evidências de “design” do Universo, pelo contrário, reforça essas evidências.

4 – Não existe nada na Ciência que torne os milagres impossíveis.

5 – É aceitável ter fé.

6 – O ateísmo, e não a religião, é responsável pelos genocídios da História.

7 – O ateísmo não é motivado nem baseado na razão.

Este mês abordamos o primeiro tema.



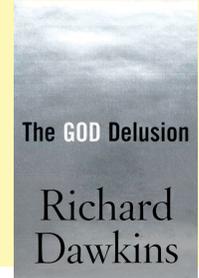
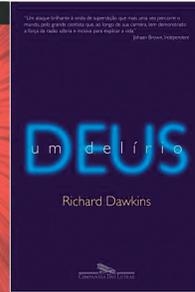
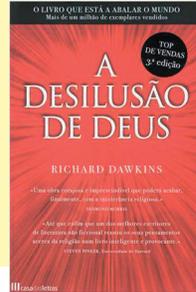
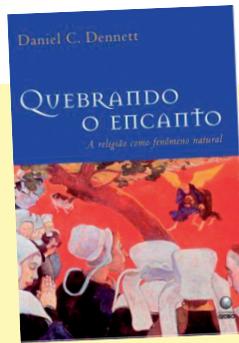
Os ataques recentes ao Cristianismo estão a ter grande impacto na sociedade.

As ideias não são novas, mas a violência e radicalidade das propostas e o eco que estão a ter na sociedade são um elemento novo e necessitam de uma resposta.

Estes são os autores mais salientes:

- Richard Dawkins
- Christopher Hitchens
- Sam Harris

Poderíamos ainda citar vários outros, como Steven Pinker, E. O. Wilson, Daniel Dennett, Carl Sagan, ou até mesmo mais antigos como Bertrand Russel, que, não sendo tão agressivos, fornecem bases intelectuais para o ataque.



## Introdução

Neste segundo artigo da série “A Verdade Sobre o Cristianismo”,<sup>2</sup> vamos apresentar as evidências de que, ao contrário do que muitos pensam, alguns dos valores que mais prezamos na civilização ocidental não vieram dos filósofos gregos, nem mesmo da sua revisão por algum pensador romano, mas sim do Cristianismo.

A razão da escolha para estes artigos desta série de sete temas está relacionada com os ataques recentes sofridos pela religião, e pelo Cristianismo em particular (ver caixa).

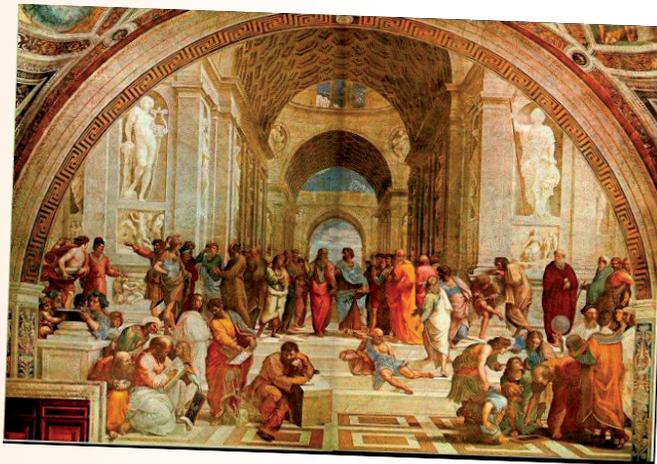
## Os mitos não morrem – ideias falsas sobre a Antiguidade

Uma grande maioria das pessoas tem uma visão “romântica” em relação ao passado e em relação à verdadeira natureza e grau de avanço da civilização grega e romana.

De certa forma, pensa-se que a civilização grega teria sido um mundo quase perfeito, muito avançado, onde as artes, o conhecimento e os valores sociais teriam florescido.

Esta civilização teria sido continuada – é verdade que com um carácter menos nobre e mais bélico – pelo Império Romano. Império esse que teria continuado a honrar as raízes gregas, prezando artes como a poesia e contribuindo com novos autores e obras originais.

Com a queda do Império Romano, esta tradição teria sido perdida, substituída pela cultura cristã, mergulhando o mundo no que se chamou a Idade das Trevas, em que o conhecimento teria sido esquecido, as artes silenciadas e o poder monolítico da Igreja teria tomado conta do espírito humano, causando um retrocesso civilizacional, com o abandono das Artes e da Ciência, prevalecendo apenas o dogma da instituição religiosa.



Finalmente, no final desta longa era, teria surgido então o Renascimento, em que se recuperaram os valores antigos e depois o Século das Luzes em que voltou a ser restituído à Ciência o seu verdadeiro lugar.

Corresponderá esta versão dos factos à realidade?

Acredito que não, e neste artigo vou apresentar alguns argumentos que demonstram como no seio do Cristianismo surgiram conceitos que hoje consideramos fundamentais na nossa Sociedade e que são diametralmente opostos aos conceitos dos gregos e dos romanos.

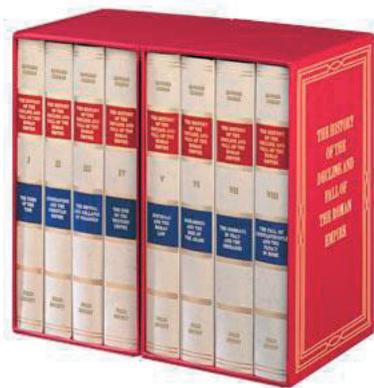
## Origens do Mito

Esta visão da História foi introduzida no mundo ocidental a partir da obra de Edward Gibbon, *Declínio e Queda do Império Romano*.<sup>3</sup>

De facto, muito foi destruído e perdido com a queda e pilhagem de Roma, mas não podemos culpar o Cristianismo por esse facto.



Se pensarmos bem, veremos que o Cristianismo se encontrava dentro do Império Romano e não nas tribos bárbaras, como os Hunos, os Godos, os Vândalos ou os Visigodos, que conquistaram o Império Romano. Estas tribos vieram de regiões pagãs.



Felizmente, com o tempo, essas tribos converteram-se ao Cristianismo e dessa forma se iniciou um lento processo de reconstrução da Europa.



“O Cristianismo não invadiu nem assolou uma civilização culta, mas encontrou um continente que já havia sido assolado.”<sup>4</sup>

“Lenta e firmemente, o Cristianismo tomou esse continente retrógrado e deu-lhe ensino e ordem, estabilidade e

dignidade [...] os mosteiros tornaram-se centros de produtividade e ensino em toda a Europa. Ao longo dos anos o selvagem guerreiro bárbaro transformou-se num gentil cavaleiro cristão.”<sup>5</sup>

J. M. Roberts escreve em *O Triunfo do Ocidente*: “É possível que nenhum de nós fosse o que é hoje se um punhado de judeus, há quase dois mil anos, não tivesse acreditado que havia conhecido um grande mestre, que o havia visto crucificado, morto e enterrado, e depois ressuscitado.”

Não significa que tudo era perfeito – sabemos que a realidade estava bem longe disso<sup>6</sup> – mas o contraste com os povos bárbaros pagãos foi, mesmo assim, decisivo.

### Três evidências ignoradas

Vamos concentrar-nos em três aspectos da civilização ocidental dos quais a grande maioria de nós – incluindo os ateus<sup>7</sup> – se orgulha, e verificar se podemos encontrar a origem destes aspectos nos ideais Greco-Romanos, ou se, pelo contrário, foram inovações que derivaram da visão do mundo, do homem e da sociedade que brotou do Cristianismo. São eles:

1 – “Dai a César o que é de César”<sup>8</sup> – **Separação das esferas da religião e do Estado.**

2 – “Pois o que faço não é o que desejo” – Consciência do **valor intrínseco do ser humano**, apesar da sua falibilidade.

3 – “Não há judeu nem grego, escravo nem livre, nem homem nem mulher, pois todos são um em Cristo Jesus”<sup>10</sup> – **Igualdade humana.**

### 1 – “Dai a César o que é de César”<sup>11</sup>

Temos tendência para pensar na separação das esferas de religião e de governo como uma ideia norte-americana ou iluminista, mas a raiz desta ideia encontra-se no Cristianismo.

Mais especificamente, na ordem de Jesus – “Dai a César o que é de César”,<sup>12</sup> e, por exemplo, na expressão “O Meu Reino não é deste Mundo”.<sup>13</sup>



Cristo defendeu a **separação entre religião e estado** com as Suas afirmações. Este foi talvez um dos Seus ensinamentos menos seguidos ao longo da História da Igreja.

Esta ideia, à qual é creditado hoje grande parte do sucesso do Ocidente, era uma autêntica blasfêmia no tempo do Império Romano. Defendê-la era considerado uma traição porque, uma vez que o Imperador era um deus, a recusa da sua adoração era equivalente à recusa também da autoridade política.

Não que os Romanos fossem realmente muito religiosos. De acordo com um ditado popular da época, todas as religiões eram vistas:

- Pelo **Povo**, como “Igualmente **verdadeiras**”,
- Pelos **Filósofos**, como “Igualmente **falsas**” e
- Pelos **Políticos**, como “Igualmente **úteis!**”



Este ditado ainda é actual. Na verdade, sob a bandeira da separação da religião e do estado, passou-se para o outro extremo: hoje nega-se à religião o seu espaço, procurando-se impedir que a moral, com base na religião, influencie a sociedade.

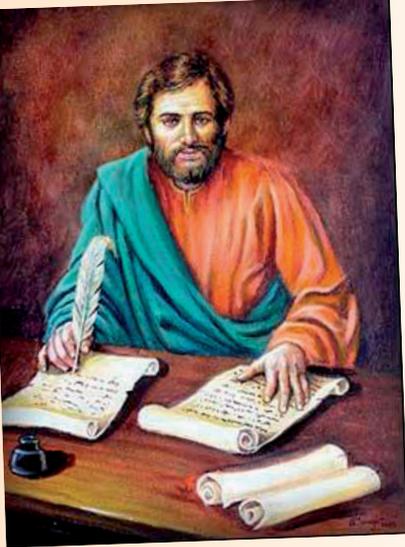
Como afirma Dinesh, “Se recuperássemos o conceito [de separação das esferas da religião e do Estado] no seu verdadeiro sentido, a nossa sociedade estaria em condições muito melhores”.<sup>14</sup>

### 2 – “Pois o que faço não é o que quero”<sup>15</sup>

Para os filósofos gregos como Platão, a origem do mal era a falta de conhecimento. Ele argumentava que as pessoas fariam o que é certo, se tão somente soubessem o que é certo.

Como alguns grupos favorecidos possuíam um nível de conhecimento muito superior a outros, isso justificava a existência de diferentes classes de homens (e mulheres).





O homem comum não tinha valor – Homero ignorou-o nos seus poemas épicos. Aristóteles tinha um trabalho em vista para os homens humildes e sem conhecimento, a escravatura!

A perspectiva apresentada por Paulo é completamente diferente. O mal não é um problema de conhecimento.

Ele afirma que, mesmo sabendo o que é certo, fazemos o que é errado...

O exemplo máximo foi Jesus, que nasceu numa estrebaria e era filho de um homem humilde, os Seus primeiros discípulos foram pescadores e artesãos, convivia com cobradores de impostos, mulheres caídas em pecado e pobres.

O Cristianismo, ao contrário do paganismo, trouxe então para a sociedade a **consciência do valor intrínseco do ser humano**, apesar da falibilidade assumida desse ser humano.

Se todos são importantes, isso significa que as instituições não devem estar ao serviço apenas de uma elite, mas devem servir a todos, especialmente os mais fracos, que, nas culturas clássicas, simplesmente eram abandonados à sua sorte.

Vamos enumerar algumas das consequências desta forma de pensar. Hoje são ideias perfeitamente banais, mas não o eram, antes da introdução do Cristianismo:

- A **vida familiar** e o **casamento** são realçados e sacramentalizados pelo Cristianismo.

Pelo contrário, na Grécia, estas instituições tinham pouco prestígio, pois nessa cultura, o realmente importante eram os homens cultos. As mulheres, crianças e homens de baixa condição tinham pouca importância.

- Realce dos sentimentos individuais e **“invenção” do amor romântico**, seguindo o modelo do Amor de Cristo pela Sua Igreja.

- Introdução da necessidade de **pré-consentimento para a realização de um casamento** – se o amor era um sentimento importante e sagrado, deveria existir alguém que seria o objecto desse amor e que apenas o próprio saberia identificar.

- **Igualdade** de todos perante a Lei.



- Conceito de **liderança como um serviço** prestado aos outros. Na Antiguidade, o trabalho do líder era “apenas” liderar, mas Cristo introduziu o conceito de que liderar é servir às necessidades dos outros – “Mas não sereis vós assim; antes o maior entre vós seja como o menor; e quem governa como quem serve!” Lucas 22:26.

- O próprio conceito de **capitalismo**, pode ser associado às ideias do Cristianismo, devido às noções de liberdade individual e também à ideia de progresso por oposição a ideias como a reencarnação.



### 3 – “Não há judeu nem grego, nem escravo nem livre, nem homem nem mulher, pois todos são um em Cristo Jesus.”<sup>16</sup>

Na sociedade actual, existem pessoas que podem não valorizar os dois pontos anteriores, chegando mesmo a considerar como nefasto, por exemplo, o conceito de família tradicional – composta por um pai e uma mãe. Mas praticamente todos, pelo menos em teoria, valorizam o terceiro conceito – **a igualdade dos seres humanos**.

A ideia de que todos os seres humanos são igualmente importantes não é uma ideia natural. Somos muito desiguais, em termos de altura, peso, força, inteligência, cor, perseverança, sinceridade, etc..

Mas “os Cristãos acreditam que Deus atribui a cada vida humana um valor infinito e que ama a cada pessoa de igual modo”.<sup>17</sup>

“Na Grécia e na Roma antigas, a vida humana tinha muito pouco valor. Os espartanos deixavam crianças fracas morrerem nas encostas das montanhas. [...] O pai que queria um menino pouco se importava em afogar a filha recém-nascida.”<sup>18</sup>

O Cristianismo é muitas vezes acusado de ser discriminatório em relação às mulheres, devido a algumas passagens nas Epístolas de Paulo, e de ter convivido sem problema com a escravatura, mas quando analisamos as evidências históricas, vemos uma realidade bem diferente.

“As mulheres ocupavam uma posição muito inferior na Grécia e Roma antigas, como acontece hoje em muitas culturas, especialmente no mundo muçulmano.”<sup>19</sup>



Sendo verdade que a Bíblia não condena a escravidão de forma directa, temos de ter em conta que essa instituição precede o Cristianismo em séculos. “Mesmo assim, o Cristianismo desincentivou a escravidão entre Cristãos [...] os Cristãos foram o primeiro grupo na História a começar um movimento anti-escravagista.”<sup>20</sup>

Este tema teve ainda consequências em termos da liberdade individual. Antes do Cristianismo, na maioria das sociedades antigas, o indivíduo era apenas um instrumento do Estado ou da sociedade, com muito pouca liberdade individual.

“Herdámos do Cristianismo o conceito moderno de liberdade. O Cristianismo enfatiza o facto de que somos agentes morais. [...] A influente doutrina de John Stuart Mill sobre a liberdade, que tantos de nós achamos acalentadora, é uma herança directa do Cristianismo. [...] Não adianta dizer que a obra de Mill foi produto da compreensão da liberdade e igualdade humana oferecidas pelo Iluminismo. Esse conceito provém do Cristianismo. De que outra fonte acham que os pensadores do Iluminismo o tiraram?”<sup>21</sup>

### Conclusão

O debate recente relativo à inclusão de uma referência às raízes Cristãs da Europa no documento de Constituição Europeia demonstrou até que ponto vai a influência do grupo de pessoas que pretende apagar os vestígios da origem Cristã da nossa sociedade.

Devemos esperar um aumento de tom e de agressividade dos ataques a essa memória e ao Cristianismo em geral.

Deus – o sentimento religioso – está de regresso, como vimos no primeiro artigo, mas devemos esperar um aumento do nível de confusão em relação à profusão de religiões e práticas religiosas.

Finalmente, tendo em conta a importância da influência cristã, devemos esperar que, ao serem abandonados princípios fundamentais, como os três exemplos apresentados neste artigo, os problemas da sociedade se agravem.

Ao nos apegarmos à Palavra de Deus vamos poder reconhecer as causas dos problemas e registar mais um sinal dos tempos.



“Aprende, pois, esta parábola da figueira: Quando já os seus ramos se tornam tenros e brotam folhas, sabeis que está próximo o Verão” (Mateus 24:32). ■

### Miguel Mateus

Engenheiro em Electrotecnia –  
Telecomunicações e Electrónica  
Mestre em Investigação Operacional  
Grau de MBA – Master in Business and Administration

### Referências

1. Subtítulo do Livro *A Verdade Sobre o Cristianismo*, Dinesh D’Souza, Thomas Nelson Brasil.
2. Baseado no Livro *What’s So Great About Christianity*, também disponível em edição brasileira, *A Verdade Sobre o Cristianismo – Por que a Religião Criada por Jesus é Moderna, Fascinante e Inquestionável*, por Dinesh D’Souza.
3. Eduard Gibbon, *Declínio e Queda do Império Romano*.
4. D’Souza, D., *A Verdade Sobre o Cristianismo*, p. 63.
5. *Idem*, p. 64.
6. Ver *O Grande Conflito*, Ellen White, em que a autora faz eco de fontes do seu tempo na página 38: “Durante séculos a Europa não fez progresso no saber, nas artes ou na civilização. Uma paralisia moral e intelectual se abatera sobre a cristandade.”
7. Podíamos até afirmar “especialmente os ateus”.
8. Mateus 22:21.
9. Romanos 7:19.
10. Gálatas 3:28.
11. Mateus 22:21.
12. *Ibidem*.
13. João 18:36.
14. D’Souza, D., *op.cit*, p. 75.
15. Romanos 7:19.
16. Gálatas 3:28.
17. D’Souza, D., *op.cit*, p. 90.
18. *Idem*, p. 91.
19. *Ibidem*.
20. *Ibidem*.
21. *Idem*, p. 100.





# O BAPTISMO

*Um pacto  
para toda  
a vida*

ROBERT MACLVER

Tenho que me baptizar para me salvar? Posso ser cristão sem me baptizar? O baptismo infantil por aspersão tem valor espiritual? Posso baptizar-me sem me unir a uma igreja?

Essas perguntas, feitas muitas vezes por pessoas que entram em contacto pela primeira vez com o cristianismo, também atraem a atenção daqueles que já são cristãos quando recordam o dia do seu baptismo, e começam a guiar outros que iniciam a sua vida na comunidade da fé.

## Origem e significado

Comecemos com a origem e o significado do baptismo. Aparece pela primeira vez no Novo Testamento, quando Jesus chegou ao rio Jordão para cumprir o acto sagrado por meio de João Baptista (ver Mateus 3:13-17; Marcos 1:9-11; Lucas 3:21, 22). Entendendo a cerimónia como um sinal de arrependimento (ver Mat. 3:7-10), João ficou impressionado com o facto de que Jesus procurasse realizá-lo voluntariamente. “Eu careço de ser

baptizado por Ti”, disse João, “e vens Tu a mim?” (v. 14). “Deixa por agora”, respondeu-lhe Jesus, “porque assim nos convém cumprir toda a justiça” (v. 15).

**Porque é que Jesus aceitou o baptismo de João? Porque é que o Filho de Deus devia submeter-Se ao baptismo do arrependimento?**

A resposta de Jesus é muito significativa: “Deixa por agora, porque assim nos convém cumprir toda a justiça.” O baptismo de Jesus marcou o começo do Seu

*Tenho que me baptizar para me salvar? Posso baptizar-me sem me unir a uma igreja?*

ministério público. A Sua resposta a João Baptista indicava que conscientemente assumia o Seu papel como Sumo Sacerdote; e que Se oferecia a Si mesmo como sacrifício pelos nossos pecados (Heb. 8:1-3; 9:11-14,

23-28). Deste modo, ao ser batizado por João, Jesus estava a agir em nosso lugar, oferecendo um arrependimento perfeito pelos nossos pecados e dando o exemplo de como devemos cumprir toda a justiça. Vejamos como os seguidores imediatos de Jesus entenderam o Seu exemplo.

### Na Igreja do primeiro século

Os crentes do Novo Testamento consideraram o batismo como uma porta de entrada na Igreja. No Pentecostes, por exemplo, quando as pessoas perguntaram o que deviam fazer para ser salvas, a resposta de Pedro foi: “Arrependei-vos e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para perdão dos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo” (Actos 2:38). Continua dizendo que “foram batizados os que, de bom grado, receberam a sua palavra; e naquele dia agregaram-se quase três mil almas” (v. 41). Assim, apenas cinquenta dias depois da ressurreição de Jesus, multidões de novos conversos uniram-se à comunidade de crentes através do rito do batismo.

O batismo cristão era de arrependimento, assim como o anunciado por João Baptista (v. 38), e implicava uma mudança dramática na vida. Os pecados ficavam para trás e o cristão acabado de batizar começava uma vida nova seguindo o Mestre. Mas, diferentemente do batismo de João, o batismo cristão trazia consigo o assombroso poder do Espírito Santo (Actos 19:2-5).

Entre os escritores do Novo Testamento, Paulo é o mais específico no que se refere ao significado do batismo. O batismo, diz-nos ele, é a nossa participação na morte e na ressurreição de Jesus: “Ou não sabeis que, todos quantos fomos batizados em Jesus Cristo, fomos batizados na Sua morte? De sorte que fomos sepultados com Ele, pelo batismo, na morte; para que, como Cristo ressuscitou dos mortos, pela glória do Pai, assim andemos nós, também, em novidade de vida” (Rom. 6:3, 4). Deste modo, **o batismo para Paulo significa morte para a nossa vida passada de pecado e o começo da nossa caminhada com Cristo numa nova vida.**

### Aspectos práticos

1. **Devo batizar-me para ser salvo?** A resposta é um rotundo não. Um dos homens que foram crucificados com Cristo converteu-se e tornou-se crente enquanto estava pendurado na cruz (Lucas 23:39-43). Embora fosse impossível batizá-lo, Jesus garantiu-lhe que teria a vida eterna: “Estarás comigo no paraíso” (v. 43). Vemos claramente que há certas ocasiões especiais em que o batismo não se pode realizar e, portanto, não é obrigatório. Mas essas ocasiões são exceções à regra. Aqueles que fazem um compromisso sério com Jesus serão batizados, se tal for fisicamente possível.

2. **Posso batizar-me sem me unir a uma igreja?** O batismo é uma decisão individual, por isso é natural que algumas pessoas perguntem por que razão uma decisão pessoal tem que estar necessariamente ligada a uma igreja. Porque é que não podemos ser batizados como cristãos sem termos que nos preocupar em ser membros de uma igreja em particular? Embora seja certo que o batismo é uma escolha pessoal, também é verdade que o cristão é batizado no corpo de Cristo, quer dizer, a Igreja. Isto significa que o novo cristão está a unir-se a uma comunidade de fé. Não podemos ser cristãos isolados dos outros. O batismo é a nossa iniciação numa comunidade espiritual.

3. **Aspersão ou imersão?** Esta pergunta deve ser respondida tendo em conta a prática de Jesus e dos apóstolos, assim como a ideia de batismo usada por Paulo. João batizava no Jordão porque necessitava de muita água para submergir as pessoas que iam ter com ele (ver João 3:23). Como acontecia entre os judeus, com os seus banhos rituais, Jesus escolheu ser batizado dessa maneira para nos dar o exemplo. Os cristãos dos primeiros tempos também batizavam por imersão completa, como podemos ver no caso de Filipe e do eunuco etíope. Ambos entraram na água, sugerindo a prática da imersão (Actos 8:38, 39). Além disso, o batismo como símbolo de morte (Rom. 6:3-11) faz mais sentido se se praticar a imersão total.

O batismo é um rito central da Igreja Cristã, por meio do qual o indivíduo faz um pacto para toda a vida com o seu Salvador. Somos pecadores que aceitamos o perdão de Deus. Por meio do batismo, participamos na morte de Jesus e com alegria esperamos partilhar a Sua ressurreição. Entretanto, o desafio feito ao cristianismo é viver na prática uma realidade que já aconteceu: morremos para o pecado e vivemos para Deus, graças a Jesus Cristo, nosso Senhor. ■

**Robert McIver**

Autor do livro *Mitos e Realidades acerca de Jesus e do Cristianismo. Para além do Código Da Vinci.*

**A** mensagem Adventista do Sétimo Dia é rigorosamente bíblica. Não é fruto da mistura de verdades sagradas com filosofias humanas. Tudo está baseado no “Assim diz o Senhor”. Contudo, é preocupante o número de membros da nossa Igreja que absorvem ideias forjadas nas oficinas do pós-modernismo. Alguns caem nessas armadilhas por dois motivos: 1) Desconhecem o que está por trás dessa onda insinuante e 2) ignoram as doutrinas básicas das Escrituras Sagradas. Já outros, por serem hostis a normas e princípios, acolhem deliberadamente os conceitos relativistas desta era de mudanças radicais. Esse novo estilo de vida é visto em áreas como lazer, namoro, casamento, conversação, vestuário, música e crenças.

Neste breve artigo, pretendemos mostrar as principais sutilezas da filosofia do nosso tempo e, acima de tudo, reafirmar os parâmetros morais e espirituais dados por Deus na Sua Palavra, visando o desenvolvimento de uma experiência cristã livre de atalhos e desvios.

## Definições

O pós-modernismo é fruto da forte reação à cultura do período modernista. Nos seus primórdios, a era modernista gerou um clima de euforia, tendo como plataforma as “alvissareiras perspectivas da Ciência”. O método racional era tido como o único critério da verdade. A fé foi descartada para dar lugar à razão. Mas, como sabemos, a utopia criada pelo progresso científico e pela revolução industrial não durou muito tempo. Como consequência das guerras, das desigualdades sociais e do recrudescimento das ambições humanas, o castelo de areia do racionalismo ruiu fragorosamente, deixando um enorme vazio, que gerou um sentimento de frustração. Isso aconteceu, na sua fase embrionária, na década de 1930, mas foi nas três últimas décadas do século XX que a semente do pós-modernismo medrou e se tornou uma árvore frondosa. Hoje, milhões e milhões de pessoas se deliciam com o seu fruto.

Os adeptos do pós-modernismo, escudados nas ideias de Michel Foucault (1926-1984), Jacques Derrida (1930-2004) e Richard Rorty (1931-2007), defendem o conceito de que não existe um centro unificador a que possamos chamar “verdade”. Por isso, rejeitam explicações unificadas e abrangentes, assim como qualquer descrição definitiva. O conhecimento dá lugar à interpretação. Nesse ponto, entra o gosto de cada indivíduo como critério de escolha e de comportamento. Esse enfoque abre caminho para o império das emoções e intuições. “Faço isto porque gosto.” “Para mim,

não existe verdade central.” Foucault, por exemplo, estava sempre à procura do “prazer completo e total”, da “experiência-limite”. Embora tenha sido considerado por muitos o “arqueólogo do conhecimento”, morreu numa condição deplorável, vítima de sida.<sup>1</sup>

Segundo o escritor Michel Maffesoli, uma tendência da era pós-moderna é “a ligação orgânica entre o bem e o mal, entre o trágico e o regozijo. Por um surpreendente paradoxo, é aceitando o mal, nas suas diferentes modulações, que podemos alcançar certa alegria de viver”.<sup>2</sup>

A maior ameaça do pós-modernismo é o seu pluralismo relativista, uma espécie de politeísmo de valores. O bem e o mal estão juntos, criando um estilo

de vida. Essa maneira de pensar dá espaço à natureza “local” da verdade. O que é bom para o João pode não ser bom para o Pedro. “A verdade pode mudar de acordo com o contexto”, dizem os seus seguidores. Não se consultam revelações divinas. O “Assim diz o Senhor” vai para lata do lixo mais próxima. Stanley J. Grenz afirma que “o abandono da verdade universal implica a perda de todo o critério final”<sup>3</sup> e Maffesoli diz que “o Deus único absoluto, transcendente, Criador do mundo, que serve de referência ao homem dominador da Natureza, dá lugar a um politeísmo multiforme”. A consequência imediata de tudo isso, acrescenta ele, são “identificações múltiplas” e “comunhões musicais, desportivas e religiosas”.<sup>4</sup>

Outra característica da vida pós-moderna é a globalização. Domenico de Masi afirma: “A vida inteira é globalizada. O mundo inteiro escuta as mesmas canções, assiste aos mesmos filmes, usa os mesmos objetos e tende para os mesmos costumes.”<sup>5</sup> Dá-se mais valor às coisas do que às pessoas. O valor simbólico que se atribui a um bem é considerado mais importante do que valores morais e espirituais.

A globalização está ao serviço do bem e do mal. E Satanás é ágil a propagar verdades “locais” sem “um foco definido que faça a união dos elementos diversos e divergentes da sociedade pós-moderna num todo único”.<sup>6</sup>

Como afirmámos no início, a mensagem Adventista do Sétimo Dia é rigorosamente bíblica, mas, para nossa tristeza, a maioria dos membros da Igreja tem

IN

PÓS-MO

**FLUÊNCIAS**

**DERNISTAS**

**A perda  
de foco  
doutrinário  
tem levado  
membros  
da Igreja a  
aceitar ideias  
relativistas**

RUBENS S. LESSA



um conhecimento superficial da verdade. Por isso, correm o risco de perder o foco num época sem foco definido.

## Consequências

Quando membros de igreja acolhem ideias e costumes “do presente século” (2 Tim. 4:10; Rom. 12:2; 1 João 2:15), há perigo no ar. A cidadela do coração dessas pessoas tem muros baixos, devido à falta de conhecimento dos princípios cristãos. Por outro lado, há membros que revelam um bom conhecimento intelectual da verdade, mas que não têm relacionamento algum com Jesus. Por isso, os seus muros de protecção contra o mundanismo são também vulneráveis.

As duas situações mencionadas acima constituem solo próprio para o desenvolvimento de ideias e atitudes ditadas pelos conceitos relativistas do nosso tempo. Os Adventistas *desprovidos* de conhecimento da verdade correm o risco de ser enganados, enquanto os que *apenas* conhecem as doutrinas correm o risco de ser iludidos. Para essas pessoas, a raiz do problema consiste em agir sem o foco unificador da Palavra de Deus.

A seguir, daremos algumas pinceladas em importantes áreas da vida, tendo como pano de fundo as propostas relativistas do pós-modernismo.

**Namoro.** Essa fase de relacionamento entre duas pessoas perdeu o foco. O respeitoso conhecimento mútuo deu lugar à exploração física, uma espécie de arqueologia das paixões inferiores. O que vale é o “prazer total”, a “experiência-limite”. Poucas pessoas consultam o manual de procedimentos vindos do Alto. Raramente alguém manifesta a corajosa postura de José: “Como, pois, cometeria eu tamanha maldade e pecaria contra Deus?” (Gén. 39:9).

Por falta de respeito ao ponto de referência mencionado por José, muitos agem como a maioria das pessoas. São marionetas do controlo social. Mas a Bíblia diz: “Não seguirás a multidão para fazeres mal” (Êx. 23:2). A voz da multidão sugere: “O que interessa é o que eu gosto.” E não faltam incentivos e modelos em livros, jornais, revistas, na televisão e na Internet.

**Casamento.** A instituição que, no princípio do mundo, foi estabelecida por Deus como refúgio dos valores morais e espirituais da família, hoje não é levada a sério, tida apenas como experiência passageira, marcada por discussões, ciúmes e traição. Em certa igreja, o conselho proibiu os pastores de dizerem: “Até que a morte os separe.” Nesse caso, o critério de decisão da igreja foi a possibilidade de fracasso e não o padrão divino.

Por não ter o foco centrado na vontade de Deus, o modelo mundano propõe: “Até que a novidade se acabe.” Consequentemente, os filhos sofrem e, quase sempre, seguem o mesmo caminho. Por causa desse comportamento, alguns lares Adventistas deixaram de ser laboratórios do cristianismo. São tubos de ensaio de ideias e costumes condescendentes.

**Entretenimento.** De modo subtil, a recreação cristã foi substituída pela diversão. Diz Ellen White: “A recreação, na verdadeira acepção do termo – recriação – tende a fortalecer e construir... O divertimento, por outro lado, é procurado com o fim de proporcionar prazer, e é muitas vezes levado ao excesso.”<sup>77</sup> A actual geração de Adventistas está exposta a um modelo focado na competição, no prazer e na satisfação de paixões carnis. O que está a Igreja a oferecer às crianças e aos jovens? Se não está a providenciar recreação cristã, deveria, pelo menos, mostrar alternativas ao alcance de todos. O apóstolo Paulo deixou um manual de procedimentos: “Quanto ao mais, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude e se há algum louvor, nisso pensai” (Fil. 4:8).

**Conversaço.** O modo de falar da multidão é pueril e irreverente. Deus é desonrado quando certas palavras e expressões do “presente século” são usadas no lar, no trabalho, na escola e no âmbito da igreja. Alguns pregadores banalizam a linguagem para atrair a atenção dos ouvintes. Esse método é de mau gosto. Diz a Bíblia: “Não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe; mas só a que for boa para promover a edificação, para que dê graça aos que a ouvem” (Efé. 4:29). Portanto, o modo do mundo não é o modo de falar do cristão.

**Música.** O inimigo tem feito muitos estragos nesta área tão sensível da Igreja. Durante séculos, a música sacra teve parâmetros bíblicos. Mas, nas últimas décadas, o foco de alguns compositores, intérpretes e ouvintes é aquilo de que eles gostam. Qualquer pessoa atenta sabe identificar diferentes tipos de música: rock, samba, tango, bolero, música clássica, etc.. Qual seria a reacção do público se, num programa de rock, alguém subisse ao palco e comesse a cantar “Jesus, Tu és a minha vida”? Ou “Bem junto a Cristo”? No entanto, por que razão alguns membros da igreja não estranham





quando vêm alguém subir à plataforma e interpretar canções com partes de rock, de música típica ou outras? Motivo: desconhecem o conceito bíblico de adoração. Na verdadeira adoração, não há espaço para facilitismo nem para interpretações de gosto meramente pessoal ou local.

**Crenças.** Muitas igrejas que se dizem cristãs não têm como base definida um “Assim diz o Senhor”. Algumas oferecem vantagens imediatistas; outras afirmam que o importante é sentir fortes emoções. Algumas perderam a noção de equilíbrio, dando lugar a atitudes extremistas. Outras praticam um evangelho meramente social, esquecendo a preparação para a vida no Céu. E o pior é quando teólogos liberais tentam explicar a origem do Universo usando as lentes do evolucionismo!

## Conclusão

Em todos os aspectos mencionados acima é evidente o facto de que algumas pessoas estão a viver sem um centro unificador. Mas agora não têm desculpa, pois já conhecem as causas do comportamento permissivo do nosso tempo. Por isso, vale a pena resumir o que foi dito até aqui e salientar o padrão divino para a conduta humana.

Se, na era moderna, a busca da verdade se valia apenas da razão humana, descartando a fé nas revelações divinas, hoje, o superego pós-moderno baseia-se no “tudo serve”. Mas Stanley Grenz adverte-nos: “O evangelho cristão cuida não somente da reformulação dos nossos compromissos intelectuais, mas também da transformação de toda a nossa vida como crentes que somos.”<sup>8</sup>

Como povo chamado para restaurar as verdades pregadas por Jesus e pelos apóstolos, cumpre-nos ter em mente o centro unificador que é o Livro Sagrado. Eis alguns parâmetros:

1. *“No princípio criou Deus os céus e a Terra”* (Gén. 1:1). O nosso planeta não é fruto do acaso, mas de um propósito divino. A vida aqui não deve ser vivida de forma leviana, mas como uma preparação para a Nova Terra.

2. *“Façamos o homem à nossa imagem, conforme à nossa semelhança”* (Gén. 1:26). Portanto, temos uma origem nobre, conhecemos o lugar em que estamos e sabemos para onde vamos. Por isso, precisamos de seguir o estilo de vida estabelecido para o nosso bem.

3. *“Pois n’Ele vivemos, e nos movemos, e existimos”* (Actos 17:28). Dependemos de Deus em todas as áreas da vida. Os pós-modernos consultam manuais de bens de consumo, enquanto que os cristãos consultam o manual de procedimentos preparado por Aquele “em quem não pode existir variação ou sombra de mudança” (Tiago 1:17).

4. *“Toda a Escritura, divinamente inspirada, é proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça”* (2 Tim. 3:16). Precisamos de corrigir desvios tendo como parâmetro as orientações das Santas Escrituras.

5. *“Aqui está a paciência dos santos, aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus”* (Apoc. 14:12). Os dez mandamentos não aceitam interpretações pessoais. Não aprovam o “Eu quero porque gosto”, mas o “Assim diz o Senhor”.

6. *“Eu Sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por Mim”* (João 14:6). Jesus é o centro de todas as referências morais e espirituais. E o que é que Ele espera de nós? Ele mesmo responde: “Se Me amardes, guardareis os Meus mandamentos” (v. 15). Um comboio só está seguro enquanto anda nos carris.

Como acabámos de ver, não há espaço para a subjectividade humana e para a ideia de que “tudo serve”.

Meu irmão, ponha de lado o relativismo pós-modernista, pois ele é hostil à ideia de uma verdade única, exclusiva, objectiva, externa ou transcendente. Não caia na armadilha de pensar que a verdade é ilusiva, polimorfa, íntima e subjectiva. Você faz parte de um movimento que tem a Palavra de Deus como centro unificador. Portanto, não se deixe levar pela subjectividade do “Eu gosto, é bom”, mas pela convicção de que o “Assim diz o Senhor” lhe dá o rumo certo. Afinal, “o mundo passa, e a sua concupiscência, mas aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre” (1 João 2:17).

Levante-se, tome uma atitude corajosa e faça a diferença na sua casa, na escola, no trabalho e na Igreja. Evite desvios e atalhos. Ande nos carris. ■

---

**Rubens S. Lessa**

Redactor-Chefe da Casa Publicadora Brasileira

# O LEGALISMO E A “Justificação pela Fé”



ROY GANE

A “justificação pela fé” é um dos fundamentos do conceito bíblico de salvação. Em Romanos 3:21-26, Paulo declara que Deus revela o Seu justo carácter não só por meio da Sua lei, mas também quando estende a Sua misericórdia ao justificar e perdoar os que quebraram a lei, se aceitarem a Sua justiça por meio da fé que provém de e está em Cristo e receberem o Seu sacrifício expiatório. O apóstolo enfatiza a importância da justificação pela fé ao repetir, explicar e ilustrar este ensino ao longo da epístola aos Romanos (4:5, 9, 11, 13; 9:30; 10:6) e noutras epístolas (Gál. 5:5; Fil. 3:9). Para Paulo, a justificação pela fé é o centro do evangelho (Rom. 1:16, 17).

Segundo Paulo, todos os que crêem em Cristo são “justificados gratuitamente, pela Sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus” (Rom. 3:24).<sup>1</sup> Aos Efésios, ele escreveu: “Porque pela graça sois salvos, por meio da fé, e isto não vem de vós, é dom de Deus; não vem das obras, para que

ninguém se glorie” (Efé. 2:8, 9). Para esta graça salvadora é essencial uma declaração “legal” de absolvição da condenação (por exemplo, em Mat. 9:2; João 8:11; cf. Rom. 8:1). Por outro lado, como o dom da justificação pela graça traz a presença transformadora de Cristo, proporciona naturalmente o poder para produzir o dom do “fruto” na vida pessoal, o que chamamos santificação (Rom. 6:22; 1 Cor. 1:4-8, 30).

Como todos pecámos (Rom. 3:23) e não existe obra alguma que seja tão boa a ponto de ser suficiente para redimir alguém dos seus fracassos passados, a observância da lei está completamente descartada como meio de salvação, porque a salvação só é possível pela graça que é por meio da fé (Efé. 2:8, 9). Significa isto que a lei de Deus seja, de alguma forma e nalgum sentido, incorrecta? É evidente que não. A lei é santa, justa, boa e espiritual (Rom. 7:12, 14). Cumpre o propósito essencial de nos proteger ao revelar-nos o que

está bem e o que está mal (Rom. 3:20, 7:7-13).<sup>2</sup> A lei é santa porque está fundamentada no amor (Mat. 22:37-40), o princípio básico do carácter divino (1 João 4:8). No entanto, embora a observância da lei produza vida no sentido de que os seus princípios de causa e efeito são para nosso benefício e conservação (Lev. 18:5; cf. Êx. 20:12), a lei carece de poder para ajudar quem a desrespeitou (Gál. 3:10-12).

A lei de Deus não é legalista, assim como não o é a obediência estrita a ela. Pelo contrário, a obediência é “a fé que opera por amor” (Gál. 5:6). Ao libertar-nos da condenação, Cristo libertou-nos da lei do pecado e da morte (Rom. 8:1-13), “para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito” (v. 4). Como o “amor de Deus está derramado nos nossos corações, pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rom. 5:5), recebemos como um dom o elemento que nos põe em harmonia com a lei e o carácter divinos (a saber, o Seu amor).

### O que é o legalismo?

Legalismo é o uso inadequado da lei. Quer dizer, é utilizar a lei para um propósito diferente daquele para o qual foi dada. O legalismo inclui tentativas inúteis de ganhar a salvação por meio das realizações pessoais (ver Lucas 18:9-14) e obter a certeza da salvação por ter alcançado uma norma mínima (Mat. 19:16-22). O abuso legalista da lei de Deus também inclui incorporar-lhe tradições humanas, a fim de obter poder sobre os outros (Mat. 23:1-28). Em vez de tentar proteger as pessoas (que é o propósito original da lei), os legalistas hipocritamente montam um espectáculo para mostrar que protegem a lei em si mesma e, ao mesmo tempo, a sua própria versão da lei, à qual atribuem autoridade divina (Mat. 15:1-9). Ao estabelecerem as normas que os outros têm de observar, os legalistas enfatizam a sua posição social, as influências políticas e até a riqueza. Esta classe de legalistas acaba por violar a lei de Deus, porque oculta e ignora os princípios sobre os quais ela está estabelecida (Mat. 23:23-35). Ao colocarem-se no lugar de Deus, poderíamos dizer que blasfemam.

Satanás é um inimigo acérrimo da lei de Deus (João 8:44; 1 João 3:8, 10). No entanto, será que sabemos também que ele é o maior legalista do Universo? Isto não se deve a que esteja dividido contra si mesmo (Mat. 12:26), mas sim a que utiliza de maneira incorrecta a lei de Deus e engana as pessoas a respeito dela. Satanás perverte a lei para obter poder e desanimar as pessoas, de maneira que elas não possam conseguir a vitória sobre o pecado e a salvação por meio de Cristo. Então, com hipocrisia, acusa o povo leal a Deus de ser legalista, porque está a procurar obedecer-Lhe. Devido a usar a lei de Deus contra o povo de Deus para o difamar e destruir (Zac. 3:1-5; Apoc. 12:10), converte-se num enganador e numa falsa testemunha (Deut. 19:16-19).

Na comunidade cristã de hoje, o legalismo pode permanecer vivo e activo. Por um lado, a nossa sociedade está tão motivada pelo comportamento que as pessoas acham difícil mudar a sua estrutura mental no que respeita à salvação. Como a Bíblia ensina que todos somos julgados pelo

que fazemos e pensamos (Ecl. 12:14; Rom. 2:16), muitos supõem que, para alcançar a salvação, é necessário que, através dos seus próprios esforços, procurem a maneira de deixar de pecar.

***A lei de Deus não é legalista, assim como não o é a obediência estrita a ela. Pelo contrário, a obediência é “a fé que opera por amor” (Gál. 5:6). Ao libertar-nos da condenação, Cristo libertou-nos da lei do pecado e da morte (Rom. 8:1-13), “para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito” (v. 4).***

No entanto, a Bíblia também ensina que as verdadeiras boas obras provêm da fé (Gál. 5:6; cf. Tiago 2:17-26), o que significa que deixar de pecar só é possível como dom de Deus (Judas 24). A nossa salvação não depende da nossa conduta, mas sim de Cristo (1 João 5:11-13). Todas as boas obras que fazemos se limitam a que recebamos, e não a que ganhemos, o dom divino da salvação.<sup>3</sup>

Outro tipo de legalismo que permanece entre nós é provocado pelo desequilíbrio com que certos cristãos se agarram a algumas coisas que, na realidade, não são essenciais, para então forçarem outros a aceitá-las como se fossem essenciais. Não importa qual seja o tema em questão, este comportamento traduz-se em atitudes elitistas, críticas ou de condenação dos outros, e numa polarização da comunidade eclesial.

### A justificação pela fé legalista

Há outro tipo de legalismo amplamente difundido que, em geral, não é reconhecido como tal. Esta posição afirma ser a “justificação pela fé” do evangelho, porque salienta a justificação gratuita e pela graça que Deus dá aos pecadores que crêem em Cristo e na Sua morte na cruz, como a única base da salvação. No entanto, este conceito verdadeiro vê-se distorcido ao ser combinado com ideias como:

1. Não só a nossa natureza humana está tão manchada pelo pecado ao ponto de necessitar constantemente da expiação de Cristo que nos cobre (isso é verdade; cf. Núm. 28:1-8: o sacrifício diário por todos); além disso, a nossa depravação humana é tão extrema que pecamos constantemente, até sem nos darmos conta.<sup>4</sup>

2. Embora a vida que passou pelo processo de conversão tenha que manifestar a vitória sobre o pecado (a santificação como crescimento moral que acompanha a justificação), a completa obediência à lei de Deus é impossível.<sup>5</sup> Esta perspectiva tem vários corolários:

a. Devido a que a transformação moral é limitada, a obra de Cristo *nos* crentes e a Sua função como nosso exemplo também têm que ser limitadas. O único que realmente importa é a obra legal substitutiva de Cristo *pelos* crentes, que os torna justos permanentemente, não importa que nível de fracasso ou de vitória moral ou espiritual possam estar a experimentar.<sup>6</sup>

b. A lei moral de Deus do Antigo Testamento é uma norma excessiva e obsoleta da justiça. Essa norma foi substituída pela norma mais elevada do amor no Novo Testamento, ou “novo pacto”.

c. O julgamento das obras dos cristãos de acordo com as normas da lei de Deus é irrelevante, porque as obras nada têm a ver com a salvação, e eles já foram julgados e salvos em Cristo. Claro que não podiam ser julgados de acordo com as normas apresentadas no Antigo Testamento, pois essas não foram estipuladas para os cristãos do Novo Testamento.

Examinemos estas ideias utilizando duas perguntas que derivam dos temas da depravação humana, da obediência, da justificação, da lei de Deus no Antigo Testamento e do juízo.

## 1. A depravação

*A depravação humana é algo tão dominante que, mesmo depois de experimentar a conversão, a pessoa não pode parar de pecar?*

A suposição muito espalhada que enfatiza esta extrema depravação humana tem as suas raízes nos ensinamentos de alguns reformadores protestantes que desafiaram a doutrina católica que afirmava que, como as pessoas são afectadas parcialmente pelo pecado, são capazes de contribuir para a sua salvação através das suas obras meritórias pessoais.<sup>7</sup>

Segundo a Bíblia, todos os seres humanos foram afectados pelo pecado (Rom. 3:10-18, 23; cf. Sal. 5; 14; 36; 53; Isa. 59). Esta debilidade moral leva o ser humano a cometer pecados adicionais (Tiago 1:14, 15). A nossa natureza humana, afectada pelo pecado, e as suas propensões malignas continuam até à segunda vinda de Cristo, quando o povo de Deus será transformado e receberá a imortalidade (1 Cor. 15:52, 53).<sup>8</sup> Toda a bondade que há em nós, provém de Deus, não de nós mesmos (Rom. 7:18).

Na Bíblia, as palavras para “pecado” podem referir-se à natureza caída como um estado activo do ser ou às interações concretas da lei divina. Encontramos exemplos do pecado como natureza e estado em Salmos 51:5 (“em pecado me concebeu minha mãe”), Romanos 7:17 (“o pecado que habita em mim”) e 1 João 1:8 (“Se dizemos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos”).

Este conceito explica a razão por que alguns sacrifícios de animais do antigo Israel, que prefiguravam o sacrifício de Cristo, eram oferecidos como expressão de alegria em ocasiões em que não era necessária a expiação (*kpr*) e o perdão de pecados específicos (Lev. 7:11-17: sacrifícios de acção de graças, de votos e de paz; cf. cap. 3).<sup>9</sup> Mesmo o louvor humano está contaminado pelo pecado e necessita da mediação do sacrifício de Cristo a fim de ser aceitável diante de Deus.<sup>10</sup>

Outras passagens bíblicas falam do “pecado” como violação concreta da lei de Deus: “o pecado (*hamartia*) é a transgressão da lei” (1 João 3:4); “Toda a iniquidade é pecado” (1 João 5:17); “Aquele que sabe fazer o bem e o não faz, comete pecado” (Tiago 4:17); “Tudo o que não é de fé é pecado” (Rom. 14:23). Neste sentido, o pecado pode ser um verbo: “Se qualquer outra pessoa do povo da terra pecar por erro, fazendo, contra algum dos mandamentos do Senhor, aquilo que não se deve fazer” (Lev. 4:27); “Qualquer que permanece n’Ele não peca” (1 João 3:6).

Pecar significa romper a relação entre o ser humano e Deus, porque o primeiro se distancia da harmonia do carácter de amor do segundo (1 João 4:8) e também da Sua lei, que está baseada no amor (Mat. 22:37-40).

O pecado como violação da lei de Deus pode expressar-se em acções ou em pensamentos (Mat. 5:21-30). Pode ser deliberado (Lev. 6:2, 3) ou cometido sem se dar conta ou sem intenção (Lev. 4). Mas nunca é simplesmente automático. No antigo sistema israelita de rituais, que estavam relacionados com muitos aspectos do carácter defeituoso do ser humano, as únicas condições humanas naturais que requeriam soluções rituais eram alguns tipos de impurezas físicas (por exemplo, a menstruação ou a poluição nocturna), que excluía as pessoas do contacto com a esfera mais íntima da santidade de Deus e com a vida centrada no santuário (por exemplo, em Lev. 12-15; Núm. 5:1-4; Deut. 23:10, 11). As impurezas físicas rituais, tais como a contaminação com cadáveres (voluntária), a afecção de erupções na pele (lepra; involuntária) e os fluxos genitais naturais ou anormais (voluntários ou involuntários) pertenciam a uma categoria conceptual associada com “o ciclo do nascimento-morte que faz parte da mortalidade”,<sup>11</sup> quer dizer, o estado humano caído que é o resultado da acção do pecado no nosso mundo (Gén. 3; Rom. 5:12; 6:23).

Dado que as impurezas físicas não constituíam violações das ordens divinas, não eram consideradas faltas morais que exigissem o perdão, como demonstra o facto de que as pessoas que ofereciam ofertas pela purificação (as chamadas ofertas pelo pecado) por causas graves de impurezas físicas, recebiam a “expiação” que só servia como pureza física ritual. Esta purificação não constituía um requisito prévio para alcançar o perdão, coisa que essas pessoas não necessitavam (por exemplo, Lev. 12:6-8; 14:19, 20; 15:15; veja-se o contraste com o perdão em 4:20, 26, 31, 35, em casos de acções pecaminosas).<sup>12</sup>

Embora os cristãos possam aprender com estas impurezas físicas e com as soluções para elas, que nos mostram que o sacrifício de Cristo, em última análise, nos redime do nosso estado pecaminoso de mortalidade (1 Cor. 15:52, 53; cf. Sal. 103:3: “que sara todas as tuas enfermidades”; João 3:16: “vida eterna”), os remédios rituais para eles já não se aplicam devido a que o ministério de Cristo está a decorrer no santuário celestial de Deus (Heb. 7-10), que não pode ser afectado pelos estados físicos do ser humano, como acontecia no caso do santuário e do templo terrestres.

Alguns intérpretes cristãos estudiosos e bem intenciona-

dos enganaram-se ao interpretar que alguns dos sacrifícios israelitas que eliminavam as impurezas físicas rituais, tais como a solução para a contaminação com um cadáver, por meio do sacrifício de uma vaca avermelhada, eram rituais que expiavam as pessoas que tinham *cometido* pecados. Por exemplo, embora haja algumas versões da Bíblia que entendem correctamente que Números 19:9 se refere ao sacrifício de uma vaca avermelhada como uma “oferta de purificação”, outras versões, de maneira incorrecta, traduzem-na como “purificação pelo pecado”.<sup>13</sup> Como as impurezas físicas podem ser automáticas, se lêssemos a palavra “pecado” num caso de impureza física poderíamos tirar a conclusão errada de que cometer um pecado pode ser algo automático. É por isso que o grande pregador Charles Spurgeon interpretou o ritual da vaca avermelhada da seguinte maneira: “Quem é que já viveu um só dia neste mundo degradado, sem descobrir que, em todas as suas acções, comete pecado e que, em tudo o que faz, recebe, além de dar, um certo grau de contaminação?”<sup>14</sup>

Nem todas as imperfeições humanas, mesmo na esfera da actividade consciente, podem ser consideradas pecado. A vida humana está cheia de todo o tipo de imperfeições não pecaminosas devido às nossas limitações de capacidade, de conhecimento, de memória, de coordenação física, entre outras. Por exemplo, embora cada trabalhador deva dar o seu melhor (cf. Ecl. 9:10; 2 Tim. 2:15), não há indicação nenhuma de que seja necessário o perdão de Deus se alguma coisa sai mal ou não é absolutamente perfeito (cf. Jer. 18:4).

Isso significa que, embora esteja presente em todo o lado, a depravação humana não é um argumento válido para pecar. A justificação pela fé não significa que somos libertos do pecado para podermos continuar a pecar. Pelo contrário, é libertação do pecado para viver uma vida de obediência a Deus.

## 2. A obediência

*É realmente possível obedecer a Deus? Ser obediente é ser legalista?*

Em Romanos 3:10-18, Paulo descreve o estado espiritual anterior à conversão, e mostra que todos os seres humanos necessitam do dom divino da justificação por meio de Cristo. Uma parte indispensável da vida cristã é a aceitação progressiva do precioso dom divino da vitória sobre a nossa natureza caída, como parte do poder transformador da natureza divina (2 Ped. 1:1-4). *Pela graça de Deus*, os cristãos podem e deveriam manter sob controlo a sua natureza pecaminosa (1 Cor. 9:27).

Segundo o apóstolo Paulo, “justificados pela fé, temos paz com Deus, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo” (Rom. 5:1). Isto não é uma falsa segurança; pelo contrário, é a reconciliação com Deus que é fruto da verdadeira esperança, “porque o amor de Deus está derramado nos nossos corações” (v. 5). De modo que, quando Deus converte os seres humanos pela Sua graça, Ele faz com que estejam em harmonia com o Seu carácter e com a Sua lei de amor (cf. 1 João 4:8; Mat. 22:37-40), devido ao derramamento contí-



nuo do amor nos seus corações por meio do Espírito Santo.

A função do Espírito é essencial para a conversão. O Espírito oferece a reorientação espiritual que, metaforicamente, chamamos “o novo nascimento” (João 3:5-8; Tito 3:4-7; cf. Rom. 8). Esta mudança de disposição é parte integrante e essencial da conversão, juntamente com o perdão dos pecados passados (cf. Rom. 3:25).

Jesus não veio salvar o Seu povo *nos* seus pecados, mas *dos* seus pecados (Mat. 1:21). Para os cristãos, não é inevitável cair em pecado. Segundo Judas 24, Deus “é poderoso” para nos guardar “de tropeçar”. João escreve: “Meus filhinhos, estas coisas vos escrevo para que não pequeis” (1 João 2:1). O apóstolo reconhece que os filhos de Deus poderiam cair ocasionalmente durante a sua travessia progressiva em direcção à harmonia com o carácter de Deus, de modo que, no mesmo versículo, acrescenta: “Mas, se alguém pecar, temos um advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo.” Apesar disso, João reconhece a possibilidade de não cometer pecados; senão não faria sentido que ele animasse as pessoas a que se abstenham de pecar. Recordemos que aqui estamos a falar sobre o desenvolvimento e o amadurecimento do *carácter*, não da perfeição imaculada da *natureza*, que ninguém receberá até alcançar a glorificação.

No Novo Testamento, a desobediência à lei de Deus é pecado (1 João 3:4), e isso inclui a lei moral do Antigo Testamento. Nos tempos do Antigo Testamento já era propósito de Deus que se guardasse a Sua lei. Por isso Moisés animou os israelitas a serem fiéis a Deus, porque era possível obedecer à Sua lei (Deut. 30:11-14). É claro que lhes era impossível obedecer a Deus pelas suas próprias forças. Mas se realmente amavam o Senhor de todo o seu coração, alma e forças (Deut. 6:5), a relação estreita com Ele converter-

-se-ia na experiência do “novo pacto”, na qual Deus coloca a Sua lei dentro das pessoas e a escreve nos seus corações (Jer. 31:33).<sup>15</sup>

Aqueles que acreditam que têm que continuar a pecar até que Cristo venha tendem a rotular como “perfeccionismo” legalista o ensino bíblico de que temos que vencer o pecado mediante o Espírito Santo de Deus e de Cristo que habita em nós (Gál. 2:20).<sup>16</sup> No entanto, a obediência à lei de Deus que é pela graça mediante a fé não é legalismo, e Deus dá-nos a capacidade de alcançarmos o nível de obediência que Ele nos pede (1 Cor. 10:13). Sem esta capacitação divina, a obediência é impossível. É por isso que, ao comentar a primeira epístola de João, Hans LaRodelle observou: “Para João, a vida de santidade tem que ser vivida ao nível do milagre. Para João, portanto, a impossibilidade de pecar não provém de qualquer qualidade metafísica inerente, mas sim da realidade da união vitoriosa e purificadora da fé com

o Crucificado e Ressuscitado que é, em essência, santo e justo”.<sup>17</sup>

É verdade que Cristo quer apresentar “uma igreja gloriosa”, que não tenha “mácula, nem ruga, nem coisa semelhante”, mas que seja “santa e irrepreensível” (Efé. 5:27), mas é Cristo que é responsável por purificar a igreja (v. 25, 26). A Sua “esposa” é então capaz de se preparar para “as bodas do Cordeiro” (Apoc. 19:7), porque “foi-lhe dado que se vestisse de linho fino, puro e resplandecente, porque o linho fino são as justças dos santos” (v. 8).

***De modo que as “ações justas” são um dom de Deus. De nós depende receber esse dom, que requer que sejamos colaboradores de Deus. ■***

**Roy Gane**

Professor de Hebreu e Línguas Antigas do Próximo Oriente / Director de cursos de pós-graduação no Seminário Teológico da Universidade Andrews

## Referências

1. Todas as referências bíblicas são da *Bíblia Sagrada*, tradução de João Ferreira de Almeida, edição Revista e Corrigida, Sociedade Bíblica, 1974, Lisboa, Portugal.
2. Sobre o legalismo e o propósito da lei de Deus, veja-se Roy Gane, *Leviticus, Numbers*, NIV Application Commentary (Grand Rapids, Zondervan, 2004, pp. 310-312).
3. Roy Gane, *Who's Afraid of the Judgment?*, Nampa, ID, Pacific Press Pub. Ass., 2006, pp. 106, 109; Erwin Gane, *Jesus Only: Paul's Letter to the Romans*, Roseville, CA, Amazing Facts, 2005, p. 48.
4. Ver, por exemplo: “Temos que entender o facto de que nascemos com espíritos mortos, a fim de compreendermos que necessitamos de um Salvador. É este inevitável e intratável pecado que torna completamente impossível alguém ser capaz de agradar a Deus.” – Colleen Tinker, “If What You Believe Is Not Biblical Would You Want to Know?”, *Proclamation!*, 7/6, 2006, p. 18.
5. Ver Dale Ratzlaff, *Sabbath in Crisis*, ed. rev., Glendale, AZ, Life Assurance Ministries, 1995, p. 201; Ratzlaff, “Christ Follower, You are RIGHTEOUS”, *Proclamation 7/4*, 2006, p. 16; David Dykes, “Leave the Shaddows [The Reality of Christ]”, *Proclamation 7/6*, 2006, pp. 10, 11.
6. “Devido a que, como humanos, temos por natureza espíritos mortos que são escravos do espírito... (Efé. 2:2), não podemos imitar Jesus. Ele jamais poderia ser o nosso exemplo sobre como chegarmos a ser perfeitos. Ele só pode ser nosso substituto.” – Tinker, “If What You Believe”, p. 18.
7. Ver Fernando Canale, *The Cognitive Principle of Christian Theology: A Hermeneutical Study of the Revelation and Inspiration of the Bible*, Berrien Springs, MI, Andrews University Lithotech, 2005, p. 189.
8. Embora estas propensões permaneçam na nossa natureza corporal subjacente, Deus pode dar-nos a vitória sobre elas no nosso carácter (cf. 1 Cor. 9:27). É por isso que Ellen White escreveu que, por meio da fé em Cristo, “é nosso privilégio ser participantes da natureza divina, e escapar assim à corrupção que habita o mundo pela concupiscência. Então somos limpos de todo o pecado, de todo o defeito de carácter. Não precisamos de conservar as nossas propensões pecaminosas[...]. À medida que nos tornamos participantes da natureza divina, as tendências herdadas e cultivadas para o mal são eliminadas do carácter, e somos feitos um poder vivo para o bem. Ao aprender continuamente do Mestre divino, e participar diariamente da Sua natureza, cooperamos com Deus para vencer as tentações de Satanás.” – *Review and Herald*, 24 de Abril de 1900.

9. Cf. Lev. 17:11, onde todo o sangue dos sacrifícios, incluindo o das ofertas pelo bem-estar (v. 5, 6, 10, 12) oferece algum tipo de expiação ou de redenção (*Piel de kpr*).

10. “Os cultos, as orações, o louvor, a penitente confissão do pecado, sobem dos crentes fiéis, qual incenso ao santuário celestial, mas, ao passarem através dos corruptos canais da humanidade, ficam tão maculados que, a menos que sejam purificados por sangue, jamais podem ser de valor perante Deus. Não ascendem em imaculada pureza, e a menos que o Intercessor, que está à mão direita de Deus, os apresente e purifique todos por meio da Sua justiça, não serão aceitáveis a Deus.” – Ellen White, *Mensagens Escolhidas*, vol. 1, p. 344, edição em CD-Rom da CPB.

11. Hyam Maccoby, *Ritual and Morality: The Ritual Purity System and Its Place in Judaism*, Cambridge, Cambridge University Press, 1999, p. 49.

12. Sobre as impurezas físicas rituais e a sua relação com o pecado, ver Roy Gane, *Altar Call*, Berrien Springs, MI, Diadem, 1999, pp. 115-121; Gane, *Leviticus, Numbers*, pp. 221, 222, 224-230; Roy Gane, *Cult and Character: Purification Offerings, Day of Atonement, and Theodicy*, Winona Lake, IN, Eisenbrauns, 2005, pp. 198-202.

13. Sobre o nome do sacrifício como “purificação” em vez de “pecado”, ver Jacob Milgrom, *Leviticus 1-16*, Anchor Bible 3, New York, Doubleday, 1991, pp. 253, 254.

14. Charles H. Spurgeon, *The Treasury of the Old Testament*, vol. 1, Grand Rapids, MI, Zondervan, 1951, p. 359. É verdade que, num sentido amplo, os aspectos salientes deste sacrifício nos ensinam acerca da redenção feita por Cristo de toda a contaminação do pecado, incluindo a que é produto do acto de pecar (ver Ellen White, *Testemunhos para a Igreja*, vol. 4, pp. 122-125). Reconhecer que este é um sentido amplo ajuda a evitar a confusão de categorias pelas quais o aspecto “automático” da impureza física ritual é aplicado de maneira incorrecta à acção de pecar.

15. Ver Skip MacCarty, “New Covenant DNA in the Old Covenant”, in *Granite or Ingrained? What the Old and the New Covenants Reveal about the Gospel, the Law and the Sabbath*, Berrien Springs, MI, Andrews University Press, 2007, pp. 37-56.

16. Ver Dale Ratzlaff, *The Cultic Doctrine of Seventh-day Adventists*, Glendale, AZ, Life Assurance Ministries, 1996, pp. 212-216.

17. Hans K, LaRodelle, *Perfection and Perfectionism: A Dogmatic-Ethical Study of Biblical Perfection and Phenomenal Perfectionism*, Andrews University Monograph Studies in Religion, vol. 3, Berrien Springs, MI, Andrews University Press, p. 233.



ENID MYERS

*Reflexões de uma avó sobre a sabedoria de uma criança*

# Lições de Vida da Minha Neta

Em tempos idos havia anjos que tomavam os homens pela mão e os levavam para longe da cidade de destruição. Agora, já não vemos anjos de asas brancas. Contudo, os homens são afastados da ameaçadora destruição; há uma mão que é posta na sua, que os leva gentilmente para uma terra calma e luminosa, para que não voltem a olhar para trás; e a mão poderá ser a de uma criança.

Silas Marner, *G. Eliot*

Duas visitas inesperadas e indesejadas entraram na casa da minha família durante um período de três anos, há alguns anos atrás: a doença e a morte. Quando se foram embora, levaram com elas o meu pai e o pai do meu marido. No seu rasto deixaram um esmagador desespero e tristeza, que teriam sido insuportáveis se não tivesse sido uma pequena visita que fez a sua primeira aparição durante essa mesma altura.

Zoe June Myers entrou no nosso lar como uma lufada de alegria que encheu os nossos braços e corações, e nunca mais nada foi igual. A nossa casa e a nossa vida encheram-se do riso e do amor que apenas os netos podem trazer.

A Zoe, no entanto, trouxe mais do que felicidade e exuberância. Ela possuía uma profunda sabedoria que, generosamente tem partilhado comigo. Aprendi mais lições importantes com ela durante os primeiros dois anos da sua jovem vida do que durante a minha... menos jovem. Aprendi a apreciar realmente e a compreender completamente o texto bíblico: “E um menino os guiará” (Isa. 11:6). Aqui estão apenas oito das mais importantes lições que aprendi com a minha neta:

**1. O mundo não tem de ser monótono.** Embora a Zoe, até nas opiniões totalmente imparciais, seja uma criança inteligente, nessa tenra idade ela não andava a resolver com-

plexas equações matemáticas, nem a procurar uma cura para joanetes. Ela fazia o que a maioria das crianças de dois anos fazem – mas *nunca* o fazia duas vezes da mesma maneira. Por vezes “lia” os seus livros dez vezes de uma assentada, mas eles nunca eram aborrecidos ou repetitivos. Uma torre construída com os mesmos 12 blocos nunca caía exactamente da mesma maneira de cada vez. E qualquer criança de dois anos sabe que há pelo menos 37 maneiras diferentes de descer de escorrega! A novidade da vida está presente, basta procurá-la.

**2. Abrande.** Qualquer pessoa que tenha netos pequeninos sabe que eles *nunca* têm pressa. Um simples almoço pode durar uma hora, um banho com espuma dura pelo menos duas, uma caminhada até à caixa do correio, bem... qual é a pressa, afinal? Porquê correr – a não ser por pura alegria, claro – quando se pode ir ao pé-coxinho, na brincadeira, ou apenas, simplesmente, vadiar? Quando foi a última vez que parou para olhar para uma lagarta, ou para uma pinha, sem falar em pegar nisso e meter no bolso para partilhar com alguém mais tarde?

**3. Aprenda/tente fazer alguma coisa nova todos os dias.** Algumas das maiores façanhas da minha neta foram aprender a contar até 11, ser capaz de ficar de pé numa só perna e depois na outra, e conseguir chegar até ao flanelógrafo e voltar, durante a Escola Sabatina, sem ser pisada pelo bando de outras crianças que eram todas mais altas. Eu sei que as crianças pequenas têm mais facilidade em aprender alguma coisa nova todos os dias, porque tudo é novidade para elas; mas será que nós, adultos, fazemos algum esforço nesse sentido? Talvez tenha algo a ver com o elogio que acompanha a aprendizagem. Talvez se alguém nos dissesse, efusivamente, “Linda menina!” ou “Lindo menino!” todas as vezes que um de nós “não-tão-jovens” fizesse um esforço, continuássemos a tentar, não obstante os fracassos e as falhas.



**4. Não tenha medo de pedir ajuda.** A independência é de suprema importância para crianças de dois anos. Podem calçar o sapato no pé errado, as peças dos quebra-cabeças podem ser comprimidas no lugar incorrecto, a comida pode escorregar da colher vezes

sem conta. Mas isso não tem importância, desde que faça tudo sozinha. No entanto, de vez em quando, a Zoe pediria: “Vó, ajuda?” E a avó – sem questionar, sem hesitar, sem refletir – ajudava. A Zoe sabia que podia contar com todas as pessoas importantes da sua vida, quando visse que simplesmente não conseguia fazer algo sozinha.

**5. Divirta-se.** O meu filho e a sua mulher tinham estado a trabalhar naquilo que eu achava que eram aspectos um tanto abstractos com a Zoe. Ela tinha aprendido os conceitos de “desculpa” e “com licença”, e tinha, realmente, dominado esses termos. Portanto, quando ela pisava, sem querer, o Riley, o nosso Schnauzer anão, ela dizia, sem ninguém mandar, “Desculpa, Riley”. (Ainda havia algum trabalho a fazer, porque ela também dizia “Oops, desculpa” ao frigorífico, quando chocava contra ele com o seu triciclo!) Mas o que realmente me surpreendia era o uso que fazia da palavra “divertimento”. Mesmo antes da Zoe saber articular palavras inteligíveis, a minha nora perguntava-lhe se se estava a divertir quando fazia alguma coisa agradável, e invariavelmente a Zoe sorria e meneava a sua pequenina cabeça entusiasticamente. E para a Zoe, tudo era divertido: visitar os animais no jardim zoológico, o infantário, que corresse atrás dela, a Escola Sabatina, passar o Domingo em casa da Avó e do Avô – absolutamente tudo. Quantos de nós, adultos, podemos dizer que nos divertimos com *qualquer coisa* que tivéssemos feito hoje?

**6. Siga uma paixão.** A Zoe era obcecada por aviões. Quando ainda era bebé de colo e estava com birra, o meu marido passava muito tempo a passear com ela no quintal. Como nós vivemos mesmo no meio da rota de voo do que parece ser metade dos aviões que aterram em Toronto (Canadá), o avô apresentou à Zoe a máquina voadora. Pouco tempo depois, sempre que ouvíamos um avião, tínhamos de deixar o que quer que estivéssemos a fazer para correr à janela para ver se era um avião grande, ou um avião bebé. Sempre! A não ser que tivéssemos a sorte de estar tempo nublado, por vezes passávamos a maior parte do dia a fazer isso. Também era apaixonada pelos seus livros. Levava um fornecimento deles para onde quer que fosse. Sentia-se perdida sem eles. Por vezes “lia-os” em silêncio, outras vezes “lia” alto para que o Lambie, ou a Dottie, ou o Avô também desfrutassem deles. Ambas as suas paixões lhe davam imenso prazer.

**7. Veja as coisas de uma perspectiva diferente.** A minha personalidade alemã tem a tendência de fazer com que sinta que há, normalmente, uma maneira certa e uma maneira errada de fazer as coisas. E, claro, a *minha* maneira é, geralmente, a maneira *certa*. A minha neta, no entanto, depressa me curou desta forma rígida e arbitraria de ver as coisas. Um dia, enquanto a Zoe estava a folhear o seu livro de colorir, viu uma ilustração de Alice no País das Maravilhas, que eu tinha colorido linda e esmeradamente em

pastel. A Zoe pegou no seu lápis de cor preto e cuidadosa e deliberadamente rabiscou cada um dos olhos. Eu contive um grito de desalento. Ela estava radiante de orgulho. “Zoe”, perguntei com curiosidade, “isso é bonito?” “Sim!” E sorriu, radiante. Era a sua ilustração favorita no livro, nessa altura. Tornou-se a minha, também.

**8. Seja grato por tudo.** A Zoe era não só reconhecida por meia bolacha de chocolate ou cinco batatas fritas ou oito uvas, mas depressa aprendeu também a dizer “Obrigada”. Até fez a ligação – ainda que fosse uma tentativa um tanto abstracta – que as orações eram a altura para expressar gratidão pelas bênçãos diárias. E a Zoe não se ficava por vagas generalidades. Para ela, não havia isso de “obrigada pelo parque”; em vez disso, ela era específica, expressando gratidão pelo escorrega, pela caixa de areia, pelo baloiço. Em vez de generalizar, ela enumerava e especificava por itens. A sua mãe teve intuição suficiente para saber que listar as coisas podia ser meramente uma forma de prolongar o ritual da hora de deitar. Não obstante, a Zoe estava consciente do facto de que havia miríades de coisas pelas quais devíamos estar gratos todos os dias.

### Amor Mais do que Incrível

Faça-me uma pergunta sobre a minha neta – tanto sobre essa altura como sobre o presente – e prepare-se para passar a próxima meia hora a ouvir falar das coisas maravilhosas que ela fez ultimamente, sobre as alegrias que ela me trouxe, e como estou orgulhosa de ser avó. Tenho álbuns cheios de fotografias dela que, sem qualquer pudor, mostro ao menor sinal de interesse – porque a amo para além do incrível. Embora possa soar banal, quando peguei na Zoe pela primeira vez, pensei que o meu coração fosse rebentar. E, no entanto, o amor que lhe tenho continua, miraculosa e indubitavelmente, a aumentar a cada dia, e, por vezes, a cada hora. Ela dá significado à minha vida. E acho que essa é a lição mais importante que a Zoe me ensinou: se realmente amamos alguém, mostramos. É por isso que, ao parar e pensar como estou disposta a partilhar, com quase desconhecidos, os feitos da minha neta, me encho de vergonha de que o meu zelo possa não ser tão fervoroso quando se fala em partilhar as coisas maravilhosas que Deus tem feito na minha vida. Não estou tão pronta para falar do Seu amor. Fico um pouco hesitante em pegar no Livro que tem incontáveis fotos d’Aquele que pode fazer toda a diferença na nossa vida.

Oro para que esta lição não fique por aprender, e que quando falar às pessoas sobre a Zoe também lhes fale do amorável, misericordioso Deus que a trouxe para a minha vida quando eu mais precisava dela. ■

*Enid Myers*  
*Monitora do Jardim de Infância*

## VILA NOVA DE GAIA

### Adormeceu no Senhor

Nos dias 13 e 14 de Agosto do ano passado, e após período de convalescência, adormeceram no Senhor as nossas queridas irmãs Ana Ribeiro de Macedo e Olga da Saudade Armada Silva, respectivamente. Crenes de longa data, desceram ao pó da terra firmes na certeza do glorioso dia da ressurreição, que as trará de volta ao convívio dos seus queridos familiares e amigos.

Oramos a Deus que conceda às famílias enlutadas o Seu amor e paz até ao dia do reencontro.



*Lúcia Helena de Moura Neves*  
Secretária da igreja

## ÉVORA

### Adormeceu no Senhor

A poucos dias de completar 99 anos de idade, faleceu Dejanira Fernandes Quaresma, membro da Igreja Central de Lisboa há cerca de 60 anos. Confinada à sua residência há já alguns anos, por dificuldades de mobilidade, esta irmã continuou, no entanto, a manter contacto com a Igreja através das visitas asseguradas por grupos de jovens, irmãos e pastores que, com alguma regularidade, a visitavam e/ou lhe telefonavam, proporcionando algum conforto espiritual e até mesmo apoio material. A todos quantos lhe dispensaram essa atenção e cuidados, durante os últimos anos de vida, estamos sinceramente gratas.



As sobrinhas, em Évora  
*Maria Isabel Quintanilha*  
*Dejanira Fernandes Quintanilha*

Accredited by the  
**BRITISH COUNCIL**



## APRENDA INGLÊS NA INGLATERRA

#### CURSOS GERAIS

25 jan.-14 maio 2010  
1 set.-15 dez. 2010  
24 jan.-12 maio 2011

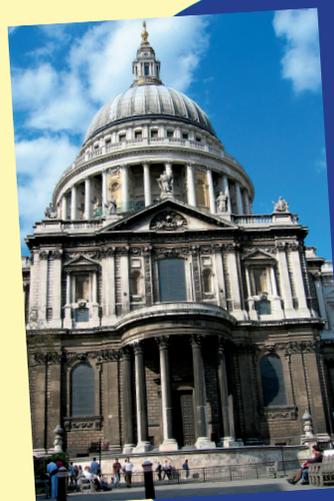
Newbold College  
Binfield, Bracknell, Berkshire  
RG42 4AN, Inglaterra, UK  
Telephone: +44 1344 407421  
Fax: +44 1344 407405  
[www.newbold.ac.uk](http://www.newbold.ac.uk)  
Endereço Eletrônico: [admissions@newbold.ac.uk](mailto:admissions@newbold.ac.uk)

#### CURSOS DE VERÃO

8 julho-2 agosto 2010  
Venha para o curso completo  
ou para um de seus módulos

Módulo 1: 8-19 julho  
Módulo 2: 16-26 julho  
Módulo 3: 23 jul.-2 agosto

**NEWBOLD**  
COLLEGE a mind-opening experience

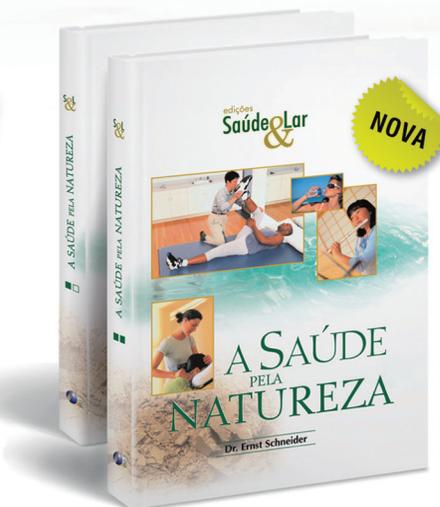




# Renove o seu estilo de vida!

## Enciclopédia de Educação e Saúde

- Alimentação Vol. 1, 2 e 3
- Plantas Vol. 1 e 2



## Colecção "A Saúde pela Natureza"

Vol. 1 e 2



## Colecção "Novo Estilo de Vida"

7 livros

Compre  
online!

[www.pservir.pt](http://www.pservir.pt)

[publicadora@pservir.pt](mailto:publicadora@pservir.pt)

Revista "Saúde e Lar"  
ASSINE e OFEREÇA!

Rua da Serra, nº 1 – Sabugo  
2715-398 Almargem do Bispo  
Tel.: 21 962 62 00 / Fax: 21 962 62 02





# Atenção Focada nas Coisas Espirituais

## Distrair a nossa atenção é uma das

ELLEN G. WHITE

“**E**stou a fazer uma grande obra”, diz Neemias, “de modo que não poderei descer: porque cessaria esta obra, enquanto eu a deixasse e fosse ter convosco?” (Nee. 6:3).

O povo de Deus, neste momento importante para a Igreja, não deve abrandar a sua atenção e vigilância nem por um instante. Satanás está no nosso encalço. Ele está decidido a vencer o povo guardador dos mandamentos de Deus, com as suas tentações. Se não dermos lugar ao diabo, mas, firmes na fé, resistirmos às suas astúcias, teremos poder para nos apartarmos de toda a iniquidade. Aqueles que guardam os mandamentos de Deus serão um poder na Terra, se viverem de acordo com a luz que possuem e com os seus privilégios. Podem ser exemplos de piedade, santos no coração e na conversação. Não nos sintamos tão à vontade, a ponto de podermos descurar a nossa vigilância e oração. À medida que se aproxima o momento em que Cristo Se deve revelar nas nuvens do Céu, as tentações de Satanás serão lançadas com muito mais poder contra os que guardam os mandamentos de Deus, porque ele sabe que tem pouco tempo...

### Não se distraiam

Abandonarmos a nossa grande obra e desermos ao seu nível, ao respondermos às suas insinuações e calúnias, não aumentará a nossa influência, nem nos fará estar nas boas-graças de Deus. Há aqueles que lançarão mão de toda a espécie de engano e de mentira grosseira, para conseguirem os seus objectivos e enganarem almas, e para lançarem um estigma sobre a lei de Deus e sobre aqueles que amam e obedecem aos Seus mandamentos. Repetirão as mais vis e absurdas mentiras, vezes sem conta, até que eles mesmos acreditem que são verdade. Esses são os mais fortes argumentos que têm para usar contra o Sábado do quarto mandamento. Não devemos permitir que os nossos sentimentos nos controlem, e nos desviem da obra de advertir o mundo.

O caso de Neemias é uma ilustração poderosa. Ele estava envolvido na construção dos muros de Jerusalém, e os inimigos de Deus estavam decididos a impedir que os muros fossem construídos... Neste caso, um espírito de ódio e de oposição aos hebreus foi o elo de união, e criou simpatia

mútua entre diferentes grupos de homens que, noutras circunstâncias, estariam em guerra uns com os outros...

### **Não confiem na vossa força**

Corremos constantemente o perigo de nos tornarmos auto-suficientes, confiando na nossa própria sabedoria, não fazendo de Deus a nossa força. Nada perturba mais Satanás do que nós estarmos conscientes das suas armadilhas. Se sentirmos o perigo que corremos, sentiremos necessidade de orar como sentiu Neemias, e, como ele, obteremos essa infalível protecção que nos dará segurança no perigo. Se formos descuidados e indiferentes, seremos certamente vencidos pelas astúcias de Satanás. Devemos estar vigilantes. Embora, como Neemias, recorramos à oração, e levemos todas as nossas perplexidades e fardos a Deus, não devemos pensar que nada temos a fazer. Devemos vigiar e orar. Devemos vigiar o trabalho dos nossos adversários, para que eles não ganhem vantagem enganando as almas. Devemos, na sabedoria de Cristo, fazer esforços para derrotar os seus propósitos, mas, ao mesmo tempo, não podemos permitir que eles nos desviem da nossa grande obra. A verdade é mais forte do que o erro. A justiça vencerá a injustiça.

### **Concentrem-se em tapar a brecha**

O povo do Senhor está a tentar tapar a brecha que foi feita na lei de Deus... Isso perturba os inimigos da fé, e todos os meios são empregados para nos atrapalhar no

# **armas preferidas de Satanás**

nosso trabalho. Mas o muro derribado está a crescer com segurança. O mundo está a ser advertido, e muitos estão a deixar de pisar o Sábado de Jeová. Deus está neste trabalho, e o homem não o pode deter. Os anjos de Deus estão a cooperar com os esforços dos fiéis servos de Deus, e o trabalho avança com firmeza.

Vamos encontrar oposição de todos os tipos, como aconteceu com os construtores das muralhas de Jerusalém; mas se vigiarmos e orarmos, e trabalharmos como eles fizeram, Deus lutará por nós e dar-nos-á vitórias preciosas...

Mensageiros foram enviados várias vezes a pedir uma reunião com Neemias, mas ele recusou encontrar-se com eles. Sérias ameaças foram feitas sobre o que eles pensavam fazer, e mensageiros foram enviados para falar ao povo envolvido no trabalho de reconstrução. Apresentaram propostas lisonjeiras, e prometeram-lhes liberdade de acção, e privilégios extraordinários, se unissem os seus interesses aos deles, e parassem o seu trabalho de construir os muros de Jerusalém.

Mas o povo tinha recebido ordem para não se envolver em controvérsia com os seus inimigos, e para não lhes responder nem uma única palavra, para que não lhes fosse dada qualquer vantagem por palavras. Recorreram [os inimigos] às ameaças e ao ridículo. Eles diziam: “Ainda que

edifiquem, vindo uma raposa, derrubará facilmente o seu muro de pedra” (Nee. 4:3). Sanbalat “se indignou muito; e escarneceu dos judeus” (4:1). Neemias ora: “Ouve, ó nosso Deus, que somos tão desprezados, e caia o seu opróbrio sobre a sua cabeça” (4:4).

Enfrentaremos a mais feroz oposição da parte daqueles que se opõem à lei de Deus. Mas, como os construtores dos muros de Jerusalém, não devemos permitir que nos distraiam ou nos atrapalhem no nosso trabalho com relatórios, com mensageiros que desejam discussão e controvérsia, ou com ameaças intimidatórias, com a publicação de mentiras, ou com qualquer outro esquema que Satanás possa instigar. A nossa resposta deve ser: “Estou fazendo uma grande obra, de modo que não poderei descer.” Por vezes, sentir-nos-emos perplexos, sem saber que rumo tomar, para preservar a honra da causa de Deus, e confirmar a Sua verdade.

### **Não está tudo nas vossas mãos**

O modo de agir de Neemias deveria ter um forte impacto na nossa mente, no que respeita ao modo de enfrentar esse tipo de oponentes. Devemos levar todas estas coisas ao Senhor em oração, como fez Neemias na sua súplica a Deus, com o seu espírito de humildade. Ele apegou-se a Deus com uma fé inabalável. Esse é o rumo que devemos seguir. O tempo é demasiado precioso para que os servos de Deus o gastem a reivindicar o seu carácter manchado por aqueles que odeiam o Sábado do Senhor. Devemos avançar com uma confiança inabalável, crendo que Deus dará à Sua verdade grandes e preciosas vitórias. Com humildade, mansidão e pureza de vida, dependendo de Jesus, levaremos connosco um poder que convencerá os outros de que temos a verdade.

Não compreendemos a fé e a confiança que podemos ter em Deus, as grandes bênçãos que a fé nos proporciona, como seria nosso privilégio compreender. Temos diante de nós uma obra importante. Devemos preparar-nos moralmente para o Céu. As nossas palavras e o nosso exemplo devem falar ao mundo. Anjos de Deus estão activamente envolvidos em ministrar aos filhos de Deus. Estão registadas preciosas promessas, desde que obedeçamos aos requisitos de Deus. O Céu está cheio das mais ricas bênçãos, todas elas à espera de nos serem comunicadas. Se sentirmos a nossa necessidade, e formos a Deus com sinceridade e fé profunda, seremos postos em íntima comunhão com o Céu, e sere-mos canais de luz para o mundo.

O aviso deve ser ouvido frequentemente: “Sede sóbrios; vigiai; porque o diabo, vosso adversário, anda em derredor, bramando como leão, buscando a quem possa tragar” (1 Pe. 5:8).■

*Ellen G. White*

Artigo da *Advent Review and Sabbath Herald*,  
28 de Janeiro de 1875

# A BÍBLIA

## Não é Difícil de Compreender

W. A. TOWNEND

**A** Michelle entrou na minha aula no primeiro dia do ano escolar, anunciando: “Não quero estar nesta aula.” E acrescentou: “É uma aula de Bíblia, e a mim, a Bíblia não me interessa.”

O seu caso não é invulgar; só que ela teve a coragem de o admitir. A que se deve esta atitude de rejeição em relação à Bíblia?

Perguntei então à Michelle por que razão estudava no nosso colégio. A sua resposta não me surpreendeu. Queria estudar administração numa universidade religiosa e, embora soubesse que o programa incluía disciplinas de religião, gostou da proposta e inscreveu-se. Agora enfrenta a realidade da sua escolha e não estava lá muito contente com isso.

Sugeri-lhe que “deixasse passar uma semana” e que não ficaria ofendido se, depois, deixasse a disciplina. Garanti-lhe que ninguém lhe diria o que crer, uma vez que crer é um assunto pessoal; cada indivíduo escolhe o que crer e o que não crer. Depois, com um sorriso, acrescentei: “Nunca se sabe, Michelle. Talvez descubras coisas em que queiras crer.”

A Michelle sorriu, acenou afirmativamente e sentou-se. Se bem me lembro, não faltou a uma única aula. Mas, o que é melhor, ao sair no último dia entregou-me um bilhete que dizia: “A melhor disciplina de todo o plano de estudos. Obrigada!” O que é que produziu essa mudança?

Creio que a Bíblia tem algo de especial que muitas vezes é muito diferente dos mitos que existem à sua volta.

### **Mito 1 – A Bíblia é difícil de entender**

Muitos *esperam* que a Bíblia seja difícil de entender, mas será mesmo?

Pense nestes números: 17, 5 e 17, e pode ter uma ideia geral do Antigo Testamento; pense em outros três números: 5, 21 e 1, e terá o Novo Testamento. Os livros de toda a Bíblia não são mais do que um livro com um único tema principal: Deus e a Sua relação connosco.

Permita-me dizer-lhe uma coisa sobre estes números.

*É verdade que a Bíblia trata de alguns temas profundos, mas não é isso que deveríamos esperar da Palavra de Deus?*



Os primeiros dezassete livros do Antigo Testamento são essencialmente livros históricos: a história dos começos da humanidade e, em seguida, do povo hebreu, contada de forma concisa e sucinta, mas com um objectivo fascinante. Os últimos dezassete livros do Antigo Testamento são, em grande parte, livros proféticos, dados com o propósito principal de estabelecer a soberania de Deus.

Então, no meio, temos cinco livros que se ocupam dos elementos básicos da vida humana: o sofrimento (Job); Deus (Salmos); a vida (Provérbios); a avaliação da vida (Eclesiastes); e o amor verdadeiro (Cantares de Salomão). Estes são os livros da experiência.

Algo muito semelhante acontece no Novo Testamento, embora as proporções sejam diferentes: cinco livros de história, vinte e um de experiência e um de profecia. No Antigo Testamento aguarda-se a vinda do Messias; no Novo Testamento, o Messias já veio e, por isso, dá-se mais ênfase à experiência.

### **Mito 2 – A Bíblia produz temor**

Recordo que, no início, a Michelle tinha medo da Bíblia. Daí a sua atitude de profunda rejeição. É compreensível. A Bíblia tem algumas coisas que impressionam. Mas o seu propósito não é gerar temor. O amor não gera temor, e a Bíblia é o livro de amor que provém da fonte de todo o amor, que é Deus (1 João 4:16). O amor avisa, mas não ate-



### Mito 3 – A Bíblia é irrelevante

Descobrir que as pessoas da Bíblia eram muito parecidas conosco também impressionou a Michelle. Descobriu pessoas reais, que comiam, dormiam, trabalhavam, brincavam, conversavam e tinham filhos tal como nós. Também faziam política, conspiravam, caluniavam e eram desleais. Algumas responderam às mensagens das Escrituras; outras rejeitaram-nas. Algumas viveram com um propósito, outras não. E todos morreram, como acontecerá conosco. O que é que mudou ao longo dos séculos? Certamente que não foi a Bíblia em si mesma; ainda satisfaz as nossas necessidades básicas de reconhecimento, de segurança, de afecto e de diversidade. A Michelle desfrutou muito com essa descoberta inesperada.

Para alguns, soa muito “cortante” dizer que a Bíblia é a “Palavra de Deus”. Para outros, é irreal. E é, enquanto não captarmos o significado e a obra do Espírito Santo, de acordo com o que o próprio Jesus disse (ver João 14:15-

21; 16:5-15). Então, entendemos que podemos estar de acordo com a definição das Escrituras dada por Paulo: “não como palavra de homens, mas (segundo é, na verdade) como Palavra

***O estudo da Bíblia não tem por que assustar. De facto, pode ser uma fonte de prazer inesgotável.***

de Deus” (1 Tes. 2:13).

A Michelle sempre tinha ouvido dizer que a Bíblia estava cheia de dificuldades, mas descobriu que não era assim. É verdade que tem algumas dificuldades, mas, ao estudar a Bíblia sem ideias pré-concebidas, chegou a algumas conclusões.

Há que esperar algumas dificuldades quando os seres humanos finitos lidam com a Palavra de Deus infinita. A dificuldade de entender um ensino ou profecia da Bíblia não prova, por si

só, que esse ensino ou profecia sejam incorrectos. O facto de que um problema não tenha sido resolvido não significa que não possa sê-lo. Por fim, embora seja verdade que Deus nos revelou muitas coisas, há coisas que Ele nunca revelou (ver Deut. 29:29).

É digna de destaque a atitude de Jesus para com as Escrituras. Ele leu-as e confiou nelas. Aceitou a sua história e creu nas suas profecias (ver Lucas 24:27; Mateus 5:17, 18; 19:4). Jesus apoiou relatos que os críticos desvalorizam: a criação, o dilúvio, Jonas e o grande peixe, a mulher de Lot e a destruição de Sodoma e Gomorra (Mateus 19:4-6; 24:34-39; 12:40; Lucas 17:28-32).

Um bispo idoso exprimiu, certa vez, uma filosofia muito sólida sobre as dificuldades da Bíblia. Disse ele: “Jesus confiava absolutamente na Bíblia, e embora nela haja algumas coisas inexplicáveis e complicadas que me deixam perplexo, confiarei na Bíblia por causa d’Ele.”

Todos podemos participar da alegria e da satisfação final da Michelle. Isso é possível graças a quatro palavras: a *revelação* (o que a Bíblia nos diz acerca de Deus); a *inspiração* (como a recebemos como livro, ou as palavras dos autores sob a direcção divina); a *iluminação* (quando o Espírito de Deus esclarece os nossos pensamentos e entendemos melhor a Sua Palavra); e a *aplicação* (como a utilizamos para moldar a nossa conduta).

Estas palavras dizem-nos que a Bíblia proveio de Deus e foi entregue aos seres humanos; dos humanos passou ao registo escrito; daí passou para a nossa mente e em seguida entrou na nossa vida.

Leiamos a Bíblia e reflectamos sobre ela. Analisemos o seu significado. Respondamos então à sua mensagem, para desfrutarmos de uma vida mais feliz aqui e na eternidade. A Bíblia mostra-nos a melhor maneira de viver.

Essa foi a descoberta da Michelle. ■

**W. A. Townend**

Professor de Teologia Colégio de Avondale, Austrália

moriza; protege, mas “não morde”.

Outra coisa que poderia ter gerado a rejeição na Michelle seria ter conhecido um especialista em Bíblia ou um teólogo “complicado”. O primeiro, geralmente, é um entusiasta bem intencionado, mas às vezes essas pessoas tornam-se críticas e usam a Bíblia para exercer autoridade. Por outro lado, o teólogo repleto de conhecimentos pode dar a impressão de que a Bíblia é tão complicada que provavelmente não pode ser entendida ou analisada por um novato. Essa é uma impressão certa embora não real da situação.

A Michelle descobriu que a Bíblia era muito mais atractiva do que ela tinha imaginado quando era criança. Sentiu-se atraída ao saber que a linguagem original era contemporânea para os leitores originais, o que é verdade especialmente no Novo Testamento, escrito originalmente no grego de todos os dias e não no grego dos filósofos.

# Uma Simples Oração

**ERAM 8 HORAS DA MANHÃ DE SEGUNDA-FEIRA, NO ESCRITÓRIO DA ASSOCIAÇÃO DO SUL DA CALIFÓRNIA, EM GLENDALE.** A maioria dos membros do pessoal do escritório já estava sentada e à espera da meditação que iniciava cada dia de trabalho.

Nessa manhã especial, depois de cantarmos um hino, um jovem estagiário ministerial citou uma simples, mas profunda, oração de Ellen White, que se encontra no livro *A Ciência do Bom Viver*, p. 474. Fiquei profundamente impressionado com a sinceridade, a simplicidade, a relação com as necessidades diárias dessa oração.

Ele leu: “Senhor, ajuda-me a fazer o melhor que possa. Ensina-me a fazer melhor trabalho. Dá-me energia e ânimo. Ajuda-me a manifestar no meu serviço o amoroso ministério do Salvador.”

Nessa manhã, comecei a procurar outras orações de Ellen White. Aqui ficam algumas que descobri:

- Quando viajava num navio, saído de Portland, no Maine, a caminho de Boston, no meio de uma tempestade, Ellen White orou: “Senhor, permanece ao leme. Conduz-nos para além da perplexidade. Leva-nos com segurança ao porto” (*Maranata, o Senhor Vem*, p. 127).

- Quando os fardos são pesados, uma oração que Ellen White sugeriu ao seu filho Edson é adequada: “Pai, estou cansado, dá-me descanso. Une a minha ignorância à Tua sabedoria, a minha debilidade à Tua força, a minha fragilidade ao Teu poder que perdura. Ampara-me com a Tua mão protectora nos conflitos da vida. Livra-me do vigilante adversário que anda no meu encaço” (*Este Dia com Deus*, p. 308).

- Uma oração que poderemos pronunciar ao despetar: “Toma-me, Senhor, para ser Teu inteiramente. Aos Teus pés deponho todos os meus projectos. Usa-me hoje ao Teu serviço. Permanece comigo, e permite que toda a minha obra se faça em Ti” (*Aos Pés de Cristo*, p. 70).

- A entrega expressa nesta oração é uma porta aberta para Jesus entrar: “Senhor, toma o meu coração; pois não o posso dar. É propriedade Tua. Conserva-o puro; pois não posso conservá-lo para Ti. Salva-me a despeito de mim mesmo, do meu eu fraco e diferente de Cristo. Molda-me, forma-me e eleva-me a uma atmosfera pura e santa, onde a rica corrente do Teu amor possa fluir através da minha alma” (*Parábolas de Jesus*, p. 159).

- Memorizar orações especiais, como a que se segue, faz com que elas nos venham rapidamente à memória, quando necessitarmos: “Senhor, perdoa o meu pecado. Ponho a minha mão na Tua, em busca de ajuda, e estou certa de que, se não a tiver, perecerei” (*The Bible Echo*, 15 de Abril de 1893).

Pastores, administradores, pessoal de escritório, agricultores, professores, mães, pais, estudantes, comerciantes – todos precisamos de ter uma vida pessoal de oração. Enquanto conduzimos, caminhamos, trabalhamos, descansamos ou sob a pressão de uma reunião ou de uma emergência, o auxílio do Céu está só a uma oração de distância.

A inspiração da meditação daquele dia ainda permanece em mim. As orações de pessoas cheias do Espírito podem ser minhas e levar-me até “ao interior do véu” (*A Fé Pela Qual Eu Vivo*, p. 9). A oração, quer seja original ou ‘emprestada’, é, na verdade, “a chave nas mãos da fé para abrir o celeiro do Céu, onde se acham armazenados os ilimitados recursos da Omnipotência” (*Aos Pés de Cristo*, p. 95).

Claro que há outras simples mas poderosas orações de Ellen White, que espero encontrar. Ainda estou a aprender a usar essa “chave nas mãos da fé”. ■

*Memorizar orações especiais faz com que elas nos venham rapidamente à memória, quando necessitarmos delas.*



**Harold Calkins**

Foi Pastor e Presidente de uma Associação e de uma União, nos Estados Unidos. Faleceu em Janeiro de 2008.

# Os Bens Exteriores

**ENQUANTO FAZIA AS MINHAS DEVOÇÕES NA PARTE ARAMAICA DO LIVRO DE DANIEL (2:4-7:28),** encontrei um texto que chamou a minha atenção como nunca antes, embora já o tivesse lido muitas vezes. Em Daniel 5, durante a festa de Belshazar, uma mão aparece e escreve palavras que o assustado rei não consegue compreender. Depois de os sábios não serem capazes de as interpretar, chega Daniel e o rei diz-lhe: “Já ouvi falar de ti, que consegues dar interpretações e explicar enigmas. Bom, se conseguires ler as palavras e fazer-me saber a sua interpretação, serás vestido de púrpura e terás uma cadeia de ouro ao pescoço, e serás o terceiro governante no reino” (verso 16, tradução livre do autor).

*Vestido de púrpura, uma cadeia de ouro, terceiro governante no reino?* Coisa séria. Por alguma razão, a triste e patética ironia destas promessas parecia ainda mais triste e patética do que nunca, e talvez essa razão seja a actual crise económica. Belshazar promete glória, riqueza e poder num reino que estava a pontos de ruir. Terceiro governante num governo que não chegaria ao fim da noite? Que símbolo mais adequado para o nosso tempo, no qual os fundamentos para tanta glória, riqueza e poder estão a desmoronar-se sob os nossos inseguros pés.

Como toda a gente (com raras excepções), tenho sentido o aperto, e como toda a gente (*sem excepções*) não faço a menor ideia de como tudo isto vai terminar, pelo menos a curto prazo. É desesperante, assustador e doloroso; tem sido uma lição para mim, também, o ver quão ligado estou ao mundo exterior.

Existimos no reino do material: o reino das coisas, do dinheiro, dos bens materiais. Todos nós. A questão é: Como é que nós, como crentes, nos relacionamos com eles? Concordo que “o amor do dinheiro é a raiz de todos os males” (1 Tim. 6:10), e, embora nunca me tenha visto a mim mesmo como alguém amante do dinheiro, compreendo agora o quanto gosto de ser capaz de pagar todas as minhas contas, como gosto de poder ajudar os meus filhos nos seus estudos, e como gosto de não ter de me preocupar com perder a minha casa. Não precisamos de ser Aristóteles para compreender o silogismo: gosto de pagar as minhas contas, preciso de dinheiro para as pagar, então, qual é a minha relação com o dinheiro?

Sendo um Adventista que leva a sério o nosso cenário do fim dos tempos, sempre acreditei que a economia vai desempenhar um papel fundamental nos últimos dias. Se o que estamos a enfrentar agora vai levar directamente ao *Grande Desastre*, não faço a menor ideia. Mas o que esta crise me mostrou, e espero que a outros também, é quão instáveis e flutuantes são as coisas exteriores. Mesmo numa coisa tão secular como o jornal *The New Republic* (de 18 de Março de 2009), no contexto da crise, Leon Wieseltier escreveu: “O mundo exterior deixou de ser uma fonte de poder.”

Para nós, e para começar, nunca deveria ter sido tal coisa, mas parece inevitável que o seja, até certo ponto. Afinal de contas, quem é que não se sente confortado quando as coisas externas – finanças, estudos, posses, posição, relacionamentos, e coisas do género – estão bem? Não louvamos ao Senhor por essas coisas quando as temos? Não prometeu Deus ao Seu povo de antigamente, se fosse fiel, muitas bênçãos materiais, os chamados bens exteriores? Na Bíblia, as bênçãos físicas e materiais sempre foram isso mesmo – bênçãos de Deus.

*Mas como é que nos relacionamos com elas?* A confusão económica em que nos vemos mostrou-me quão assustadoramente atado estou, e talvez de forma inevitável, a esses bens. Mas também me mostrou, com mais clareza do que nunca, que essas coisas não passam disso mesmo, bens – coisas que podem desaparecer tão depressa como vêm. Seja como for que acaba esta crise, oro para que me ajude, a mim e a outros, a lembrar o quão flutuantes esses bens são, que eles não merecem que vendamos a nossa alma (não importa quão facilmente possamos fazê-lo), e que é melhor que os nossos bens estejam no Céu, onde nenhum banqueiro ganancioso poderá fazê-los desaparecer.

Roupas de púrpura, uma cadeia de ouro, o terceiro no reino? É fácil ver quão insignificantes eram *esses* bens. O desafio, agora, é vermos os nossos. ■



*Clifford Goldstein*

Editor das Lições da Escola Sabatina de Adultos

# VIAGEM À 59ª CONFERÊNCIA GERAL



**30 DE JUNHO A 11 DE JULHO**

**ATLANTA / ANDREWS UNIVERSITY / BATTLE CREEK / WASHINGTON  
NOVA IORQUE E OUTROS LUGARES INTERESSANTES DA HISTÓRIA ADVENTISTA**



**PREÇO INCLUI: PASSAGEM AÉREA, AUTOCARRO COM AR CONDICIONADO, ALOJAMENTO EM QUARTO DUPLO EM HOTÉIS OU EM ESCOLAS ADVENTISTAS, PEQUENOS-ALMOÇOS, JANTARES, VISITAS E TAMBÉM ASSISTA AOS ÚLTIMOS DIAS DA 59ª CONFERÊNCIA GERAL EM ATLANTA.**

**VENHA CONNOSCO, INSCRIÇÕES LIMITADAS A 50 PARTICIPANTES**

**Para mais informações Contactar: Pr. António Rodrigues; 919484458, 965376070  
e-mail: [antonio.rodrigues@adventistas.org.pt](mailto:antonio.rodrigues@adventistas.org.pt)**